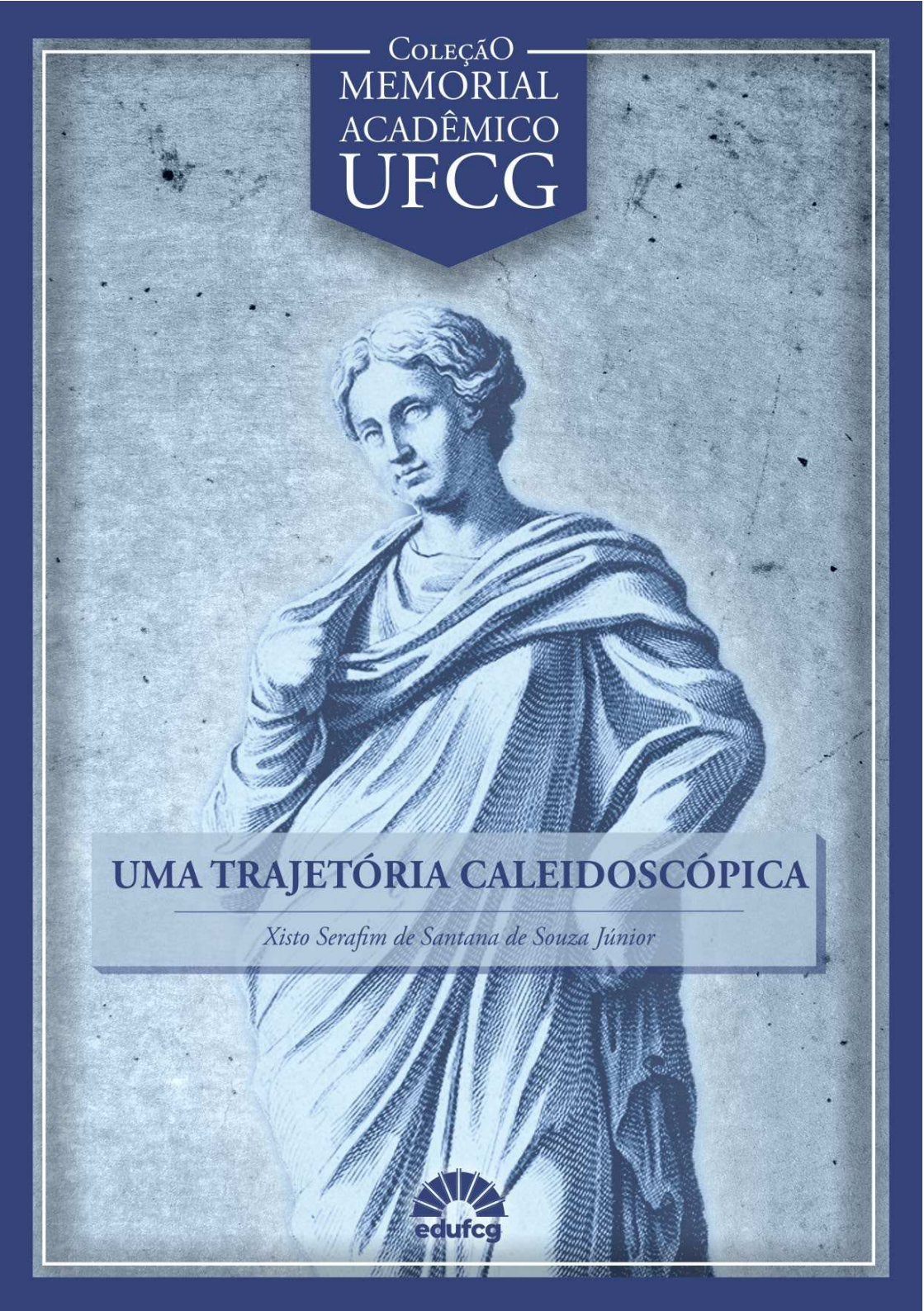
Coleção
MEMORIAL
ACADÊMICO
UFCG



UMA TRAJETÓRIA CALEIDOSCÓPICA

Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior

edufcg

Coleção
MEMORIAL
ACADÊMICO
UFCG

UMA TRAJETÓRIA CALEIDOSCÓPICA

Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior

edufcg

Campina Grande -PB
2026





UMA TRAJETÓRIA CALEIDOSCÓPICA

Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior

Os direitos desta edição são reservados à EDUFCG
EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE–EDUFCG
atendimento@editora.ufcg.edu.br

Camilo Allyson Simões de Farias
Reitor

Fernanda de Lourdes Almeida Leal
Vice-Reitora

Mário de Sousa Araújo Filho
Diretor EDUFCG

Simone Cunha
Revisão

Yasmine Lima
Projeto gráfico

CONSELHO EDITORIAL
Adriano Azevedo de Mello (CCBS)
Andréa Maria Brandão Mendes de Oliveira (CCTA)
Erivaldo Moreira Barbosa (CCJS)
Janiro Costa Rego (CTRN)
José Wanderley Alves de Sousa (CFP)
Marcelo Bezerra Grilo (CCT)
Marisa de Oliveira Apolinário (CES)
Naelza de Araújo Wanderley (CSTR)
Rogério Humberto Zeferino (CH)
Ronimack Trajano de Souza (CEEI)
Valéria Andrade (CDSA)

COMISSÃO EDITORIAL DA COLEÇÃO
José Edilson de Amorim
José Hélder Pinheiro Alves
Maria Auxiliadora Bezerra

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
Sistema de Bibliotecas - SISTEMOTECA
Catalogação de Publicação na Fonte. UFCG - Biblioteca Central

S729t Souza Júnior, Xisto Serafim de Santana de.
Uma trajetória caleidoscópica [recurso eletrônico] / Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior. – Campina Grande: EDUFCG, 2026.
115 p. : il. color.

E-book (PDF)
ISBN 978-85-8001-343-6

1. Trajetória Caleidoscópica. 2. Memorial. 3. Formação Profissional. I. Título.

UFCG/BC CDU 82-94(81)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIA ITAPUANA SOARES DIAS CRB-15/093

COLEÇÃO MEMORIAL ACADÊMICO UFCG

A MEMÓRIA CONTRA O ESQUECIMENTO

Comissão Editorial

Penso que foi em 2013 que o MEC inventou essa história do docente, em tempo de maturidade, apresentar um memorial acadêmico como condição para ser professor titular da universidade em que trabalha. Considero boa essa invenção e explico por quê. Nada melhor para avaliar o percurso profissional do que o professor lembrar aos colegas de unidade acadêmica sua trajetória, que, apresentada, lida e discutida em situação pública, passe a contribuir para a memória do que se faz nessa unidade. É essa a primeira utilidade do memorial.

O memorial de cada um irá contribuir, também, para a construção da memória da universidade, já que essa instituição somente existe a partir das ações desenvolvidas pelos seus integrantes nas atividades individuais de cada um, no potencial coletivo que cada iniciativa individual é capaz de estimular e difundir institucionalmente. Isso tudo significa dar um passo na construção da história da instituição em que trabalhamos.

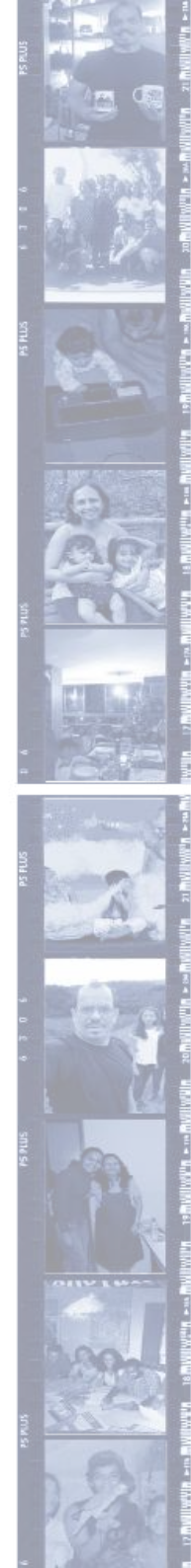
A memória individual se converte em memorial, e seu autor e colegas percebem o quanto de participação coletiva está concentrada nesse percurso profissional, *agora* lembrado e de passagem para virar história. Esse momento é um encontro e um reencontro; quem sabe, recordação. Um encontro dos colegas mais absorvidos pela rotina com a trajetória daquele que está sendo avaliado; um reencontro dos amigos com a produção do avaliando; um reencontro deste consigo mesmo; uma recordação para os afetos mais íntimos, cultivados durante a vida pessoal e profissional.

A memória rebate na história e aceita o caminho inverso. Essa dinâmica indica que, por mais que o pensamento pós-moderno tente eliminar o passado, as pessoas não podem escapar ao apelo mítico que o passado mostra, nem se desvencilhar da exigência militante que o presente impõe, tampouco contornar a dimensão utópica que o futuro acena. Na consciência individual ou na memória coletiva, a memória do passado é o arquivo que alimenta o presente e ajuda a preparar o futuro.

Ademais, "esquecimento e inconsciência são aliados fáceis e perigosos" (Alfredo Bosi), já que amigos do poder autoritário e do oportunismo. Portanto, para o docente, escrever as memórias de sua *experiência* (vir de e passar por) profissional é prevenir do esquecimento a história pessoal e preservar a história institucional contra as rasuras que o futuro poderá preparar.

Esta é uma grande contribuição que a iniciativa da EDUFCG – a publicação do memorial acadêmico dos professores titulares – poderá promover no interior da nossa universidade.





Faça uma lista de grandes amigos
Quem você mais via há dez anos atrás?
Quantos você ainda vê todo dia?
Quantos você já não encontra mais?
Faça uma lista dos sonhos que tinha
Quantos você desistiu de sonhar?
Quantos amores jurados pra sempre?
Quantos você conseguiu preservar?
Onde você ainda se reconhece
Na foto passada ou no espelho de agora?
Hoje é do jeito que achou que seria
Quantos amigos você jogou fora?
Quantos mistérios que você sondava?
Quantos você conseguiu entender?
Quantos segredos que você guardava?
Hoje são bobos ninguém quer saber
Quantas mentiras você condenava?
Quantas você teve que cometer?
Quantos defeitos sanados com o tempo?
Eram o melhor que havia em você
Quantas canções que você não cantava?
Hoje assovia pra sobreviver
Quantas pessoas que você amava?
Hoje acredita que amam você?
Faça uma lista de grandes amigos
Quem você mais via há dez anos atrás?
Quantos você ainda vê todo dia?
Quantos você já não encontra mais?
Quantos segredos que você guardava?
Hoje são bobos ninguém quer saber
Quantas pessoas que você amava?
Hoje acredita que amam você?

A Lista, Oswaldo Montenegro (2001)

Dedico este memorial à minha querida esposa, Martha Priscila Bezerra Pereira, por ser coautora da minha trajetória profissional e pessoal; à minha querida filha, Sarah Jéssica, e ao meu querido filho, Xisto Daniel, por serem parte importante deste momento. Dedico igualmente ao meu pai, Xisto Souza (in memoriam), que não me deu apenas o seu nome, mas me ajudou a ser quem sou.

Coleção
MEMORIAL
ACADÊMICO
UFCG

Agradecimentos

Nenhum trabalho, especialmente no âmbito acadêmico, é fruto de esforços individuais. Somos parte de uma obra maior, construída coletivamente ao longo do tempo. Assim, inicio meus agradecimentos a Deus, fonte da vida e da trajetória que aqui se apresenta. Sem Sua providência, nada do que está registrado nas páginas seguintes teria sido possível.

Registro meus agradecimentos a Maria Auxiliadora (tia Auxiliadora), minha primeira professora e orientadora, quem tive a alegria de reencontrar em meados de 2026, em uma das buscas pelo passado, por ter conduzido meus passos iniciais nessa caminhada.

Aos amigos de infância e aos familiares — tios e primos —, deixo meu sincero agradecimento pelos momentos felizes compartilhados, com destaque a Juninho, que tantas vezes me acolheu em sua casa; e ao meu tio Ivo Veridiano, por quem sempre nutri grande respeito e admiração.

Aos colegas da graduação, agradeço a parceria nos momentos mais desafiadores. Em especial, registro minha gratidão aos amigos do PET-GEO (1996-1999): Ady Gomes, Carolina Rocha, Clélio Santos, Diana Souza, Fabiana Farias, Lenilton Assis, Roseane Cavalcanti e Rosely

Arruda. Agradeço igualmente aos professores e às professoras da UFPE que marcaram minha formação: Lucivânio Jatobá, Jan Bitoun, Tânia Bacelar, Raquel Lins, Hernane Loebler, Caio Maciel, Cláudio Castilho, Ruy Batista, Nilson Crocia e, de modo especial, Edvânia Gomes, tutora do PET e minha primeira orientadora em pesquisa acadêmica. Obrigado por acreditar!

Estendo meus agradecimentos aos integrantes do Projeto Rondon Nacional e do Projeto Rondon-PB, com destaque ao amigo Carlos Lima, pelo apoio e parceria ao longo de quase cinco anos de atividades; e ao Coronel Pasquali (in memoriam), pelas acolhidas em Brasília-DF. Aos confrades do IHCG, representados pelo presidente Wanderley de Brito e por Ida Steinmüller, agradeço o acolhimento institucional.

Aos colegas da turma 2004.2 do doutorado na UNESP, registro minha gratidão pelo convívio, fundamental à conclusão tranquila da tese. Para evitar omissões, destaco aqueles com quem mantenho contato até hoje: Adeir Archanjo, Vitor Myazaki, Carlos Loboda, Eduardo Werneck, Jânio Santos, Rosiane Torrezan, Karla Brumes, Atamis Foschiera, Ademir Terra e Oscar Benitez. Aos docentes, agradeço especialmente a João Osvaldo, Raul Guimarães, Antônio Cezar Leal, Marcos Saquet, Maria Encarnação Sposito, Bernardo Mançano, Arthur Whitacker, João Lima, Eda Góes e, de forma muito especial, ao professor Eliseu Sposito, por ter aceitado a orientação e pelos conselhos.

Registro um agradecimento especial à professora Beatriz Soares (UFU), pelos incentivos e conselhos; e à querida professora Rosa Ester Rossini, tanto pelos diversos momentos agradáveis em que trabalhamos juntos na avaliação da Iniciação Científica da UFCG, quanto pelos laços de amizade construídos.

Não poderia deixar de mencionar o presidente Luís Inácio Lula da Silva, uma vez que o Programa REUNI foi decisivo para reduzir as dificuldades de meu ingresso na universidade como docente.

Na UFCG, ao longo destes 15 anos, construí sólidas amizades. Para evitar omissões, deixo um agradecimento coletivo a todos que se consideram meus amigos, com destaque aos colegas do CEP, CPPD, CEAD e do grupo UFCG Viva e Democrática. No âmbito da UAG, agradeço especialmente a Ivonaldo Almeida, Zenon Sabino e Kátia Cristina, pelo apoio desde meu ingresso na Unidade Acadêmica de Geografia.

Desde 2018, como membro da Igreja Presbiteriana de Campina Grande, construí importantes laços fraternos, alguns também no ambiente de trabalho. Destaco a amizade de José Mário, André Lira e Paulo Matias, cujas orientações foram decisivas para meu amadurecimento pessoal. Registro ainda meu agradecimento ao pastor Calvino Rocha, pelo apoio e orações em momentos importantes.

Agradeço aos amigos da UFPB — Aline Lima, Anderson Santos, Eduardo Vianna e Pedro Vianna — pelo apoio e incentivo, bem como aos integrantes do grupo de Geografia da Saúde — Samuel Lima, Luisa Rojas, Cristovam Barcellos (extensivo aos integrantes do Harmonize), Francisco Mendonça, Jorge Pickenhayn e Paulo Nossa — pela acolhida.

Aos professores e estudantes que fizeram e fazem parte do GIDs, agradeço a confiança na organização e gestão do grupo, estendendo os agradecimentos a todos os integrantes do Pró-Saúde GEO.

Agradeço aos professores da UNINTER, pelas orientações durante a recente formação em Jornalismo e aos amigos conquistados por meio dos canais A Terra e Seus Sinais e Ágora da Geopolítica.

No âmbito profissional, registro meus agradecimentos aos/às professores/as que aceitaram compor a comissão especial como membros internos: Severino Cabral e José Otávio; e como membros externos, Edvânia Gomes, Beatriz Soares, Francisco Mendonça, Eliseu Sposito, Jânio Santos e Rosa Ester Rossini.

Finalizo com um agradecimento especial à minha mãe, Mariluce Prazeres, pelo incentivo permanente; e ao meu pai, Xisto Souza (in memoriam), que não pôde testemunhar esta conquista, mas cuja presença esteve em todas as anteriores e permanece em meu coração. Agradeço ainda aos meus irmãos, Gúbio Roberto e André Souza; às minhas irmãs, Valdira Patrícia e Marileide Souza; bem como à minha sogra, Lúcia

Batista, à minha cunhada, Michele Pereira e ao meu cunhado, Ruy Eduardo, por compartilharem parte dessa jornada.

Por fim, agradeço à minha filha, Sarah Jessica, e ao meu filho, Xisto Daniel, fontes permanentes de inspiração e motivação. De modo especial, finalizo expressando minha profunda gratidão a Martha Priscila (Cilinha), minha esposa e colega de trabalho, por me ajudar a acreditar nos sonhos e a seguir firme nesta caminhada. ***Te amo!***

Coleção Memorial Acadêmico UFCG

Sumário

IDENTIFICAÇÃO 19

APRESENTAÇÃO 21

CAPÍTULO 1
Primeiro Giro: Território vivido e formação do olhar geográfico 27

CAPÍTULO 2
Segundo Giro - Formação acadêmica e construção do método 35

CAPÍTULO 3
Terceiro Giro - Experiência profissional, a minha vida na UFCG 57

CAPÍTULO 4
Quarto Giro: Trilhas para o futuro, um geógrafo jornalista 93

MAIS DO QUE CONSIDERAÇÕES FINAIS, UM REINÍCIO 105

APÊNDICE 107

Coleção
MEMORIAL
ACADÊMICO
UFCG

Identificação





Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior, casado, nascido em 12/04/1974, em Recife-PE
SIAPE: 1770425
Telefone: (83) 986447674
E-mail: xisto.serafim@professor.ufcg.edu.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-1502-449X
Lattes: http://lattes.cnpq.br/8801732223393153
Endereço profissional: Universidade Federal de Campina Grande, Unidade Acadêmica de Geografia. Rua Aprígio Veloso, 882 - Centro de Humanidades - Bloco Administrativo Bairro Universitário. CEP: 58.429-900 - Campina Grande, PB - Brasil Telefone: (83) 2101-1756
Nomes em citações: SOUZA JÚNIOR, X. S. S.; SOUZA JÚNIOR, Xisto S. S.

Coleção
MEMORIAL
ACADÊMICO
UFCG

Apresentação

Apresentamos aqui uma trajetória acadêmica construída ao longo do tempo, a partir de múltiplas experiências, campos de atuação e escalas de análise que, embora diversas em forma e conteúdo, articulam-se de maneira coerente em torno de um mesmo compromisso científico, pedagógico e institucional. Ao definir esta trajetória como *caleidoscópica*, recorro à metáfora de um instrumento que, ao reorganizar elementos aparentemente dispersos, revela padrões, simetrias e sentidos mais amplos.

Assim como em um caleidoscópio, no qual cada movimento produz novas configurações sem que se percam os fragmentos originais, minha trajetória docente e intelectual não se construiu de forma linear, mas por meio de rearranjos sucessivos entre ensino, pesquisa, extensão e gestão acadêmica. Cada fase, cada função exercida e cada escolha teórico-metodológica contribuíram para ampliar o campo de visão, permitindo leituras mais complexas da realidade geográfica e do papel social da universidade.

A dimensão caleidoscópica desta trajetória manifesta-se, inicialmente, na pluralidade de temas e escalas abordados ao longo da minha formação enquanto sujeito político. A atuação transitou por diferentes aspectos do cotidiano, os quais me envolveram com o saber geográfico antes mesmo da plena compreensão do significado da Geografia e de seus diálogos com questões ambientais, sociais, territoriais e educacionais. Longe de representar dispersão, essa diversidade constituiu uma estratégia de aprofundamento, permitindo compreender os fenômenos geográficos como processos dinâmicos, interdependentes e historicamente situados.

No ensino, essa abordagem refletiu-se na construção de práticas pedagógicas que articulam teoria e realidade, ciência e cotidiano, espaço local e contextos globais. A sala de aula tornou-se, assim, um espaço de convergência entre as diferentes dimensões da experiência acadêmica, no qual a pesquisa alimenta o ensino, e a extensão devolve à sociedade os conhecimentos produzidos no âmbito universitário.

Na pesquisa, a trajetória caleidoscópica traduziu-se na constituição de linhas investigativas que se transformaram ao longo do tempo, incorporando novos objetos, métodos e interlocuções científicas, sem romper com os fundamentos teóricos que as sustentam. Essa capacidade de adaptação e reinvenção revela não apenas maturidade intelectual, mas também disposição permanente para o diálogo interdisciplinar e para a atualização científica.

A extensão universitária e a atuação em gestão acadêmica completam esse mosaico, evidenciando o compromisso com a função social da universidade pública e com a construção coletiva das instituições. A participação em projetos, conselhos, comissões e instâncias deliberativas reforçou a compreensão da universidade como um território de disputas, responsabilidades e possibilidades, no qual o trabalho docente ultrapassa os limites da produção individual e assume caráter público.

Dessa forma, a noção de trajetória caleidoscópica não se refere a uma multiplicidade aleatória de atividades, mas a um percurso marcado pela capacidade de articular diferenças, recompor experiências e produzir sínteses significativas. É justamente essa capacidade de integrar diversidade e coerência, mudança e continuidade que fundamenta a presente solicitação de promoção à classe de Professor Titular.

Para isso, convido o leitor a fazer parte desta jornada por meio de cinco giros dessa trajetória caleidoscópica.

No primeiro giro — "Território vivido e formação do olhar geográfico" —, apresento a origem da minha trajetória acadêmica, que encontra suas raízes no território vivido e nas experiências sociais, culturais e espaciais que antecederam a entrada formal na universidade. A biografia aqui apresentada não se confunde com um relato pessoal, mas constitui-se como elemento formador do olhar geográfico, responsável por despertar o interesse pela compreensão das desigualdades socioespaciais, das relações entre natureza e sociedade e do papel do conhecimento científico na interpretação da realidade.

No segundo giro — "Formação acadêmica e construção do método" —, descrevo minha qualificação profissional, da graduação ao doutorado, a qual se apresenta como expressão de um contínuo amadurecimento teórico e metodológico. Cada etapa contribuiu para a consolidação de uma postura investigativa crítica, fundamentada no diálogo entre diferentes correntes do pensamento geográfico. Neste giro, evidencio como a graduação em Geografia na UFPE constituiu a base conceitual, o mestrado ampliou a capacidade analítica e o doutorado consolidou a autonomia intelectual e científica.

No terceiro giro — "Experiência profissional: a minha vida na UFCG" —, evidencio a atuação docente, inicialmente nas Faculdades Integradas de Patos e, posteriormente, na Universidade Federal de Campina Grande, demonstrando como essas experiências permitiram o exercício da Geografia em contextos institucionais distintos, ampliando a compreensão sobre o papel social da universidade. Na UFCG, a docência consolidou-se com o espaço privilegiado de articulação entre ensino, pesquisa e extensão, com ênfase na formação crítica de professores e na reflexão sobre os desafios contemporâneos do ensino de Geografia. A participação no Projeto Rondon representou uma experiência singular de inserção social e compromisso com a realidade brasileira. As representações de classe, por meio da participação em conselhos municipais, fortaleceram o entendimento da universidade como espaço político e coletivo.

Finalmente, o quarto giro — "Trilhas para o futuro: um geógrafo jornalista" — apresenta-se como um passo ousado em direção a um fazer geográfico aplicado. Em vez de seguir a linha tradicional de um pós-doutoramento, optei por uma segunda graduação: o bacharelado em Jornalismo. Essa formação não representou ruptura com a Geografia, mas a ampliação das possibilidades de comunicação científica e de intervenção pública do geógrafo. Ao incorporar novas linguagens e técnicas de comunicação, esse percurso potencializou a capacidade de mediação entre universidade e sociedade, reafirmando o compromisso com a ciência pública, o pensamento crítico e a democratização do conhecimento.

Os diferentes giros apresentados neste memorial não constituem fragmentos isolados, mas partes de um mesmo projeto acadêmico em permanente movimento. A trajetória descrita expressa a consolidação de uma identidade profissional comprometida com a universidade pública, com a Geografia enquanto ciência crítica e com a formação de sujeitos capazes de interpretar e transformar a realidade.

A titularidade, nesse sentido, não representa um ponto final, mas o reconhecimento institucional de uma trajetória amadurecida, capaz de oferecer contribuições relevantes à Geografia, à universidade e à sociedade, mantendo-se aberta a novos rearranjos, desafios e responsabilidades.



Coleção
MEMORIAL
ACADÊMICO
UFCG

Capítulo 1
Primeiro Giro

Território vivido e formação do olhar geográfico

Sou o terceiro filho de uma família de quatro irmãos, sendo três homens e uma mulher. Meu pai trabalhou como operador de digitação do Serviço de Processamento de Dados (SERPRO), e minha mãe, além da dedicação ao lar, buscou desenvolver atividades comerciais. Nasci em 1974, em Recife-PE, cidade que, desde então, despertou em mim um sentimento duplo de amor e ódio.

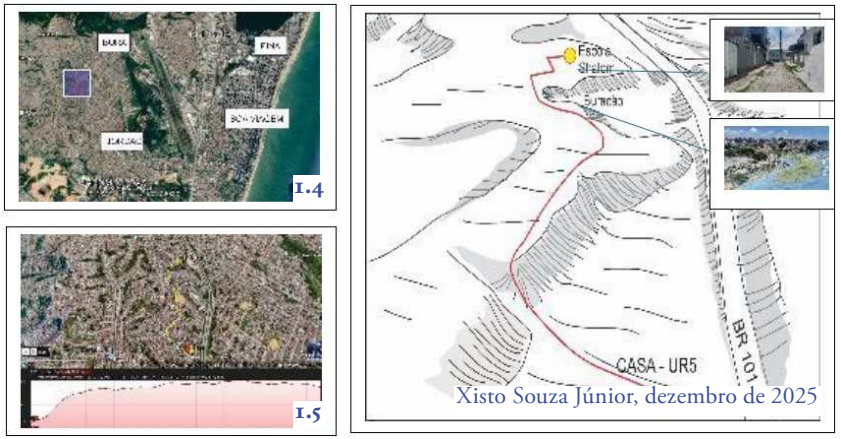
Amor por suas belezas físico-naturais e socioculturais, bem como por seus contrastes — o duelo entre os morros e os alagados —, os quais foram genialmente retratados em contos e versos de escritores como Josué de Castro, João Cabral de Melo Neto, Mário Lacerda de Melo e Gilberto Freyre, entre tantos outros. Ódio pelos descasos a que é submetida a maior parte da população, decorrentes das dificuldades de moradia que levam muitos habitantes a sobreviverem em condições subumanas, refugiados nos morros ou "afogados" nos alagados.

Meu "primeiro título de doutor" — ABC — demandou um grande esforço físico. Eu morava em um bairro periférico da zona sul de Recife e percorria, a pé, o trajeto diário até a escola, experiência que marcou profundamente minha formação inicial (Figuras 1.1 a 1.3).



Figuras 1.1 - Diploma de doutor em ABC: quando tudo começou; **1.2 -** Foto em 1979 com a "tia" Auxiliadora (minha primeira orientadora) à minha esquerda e a professora auxiliar à minha direita; **1.3 -** Foto atual (2026) com "tia" Auxiliadora

Eram mais de 4km (ida e vinda) de caminhada entre o UR-5 (Unidade Residencial do Ibura de Baixo) e o UR-11 (Ibura de Cima). Nas costas, uma mochila comprada na feira livre, ambiente no qual convivi observando as disputas entre os feirantes na conquista das pessoas, verdadeiros advogados da vida por sua capacidade de convencimento, embevecido pelos cheiros e aromas característicos desses espaços e pelas paisagens de contrastes que mesclavam a materialização das relações dialéticas do capital sobre eles (Figuras 1.4 e 1.5).



1.4 - Localização dos bairros de referência e do percurso de caminhada; **1.5 -** Distância percorrida entre a casa e a escola. O percurso, um esboço de como era feita esta caminhada, está representado no croqui à direita. Imagens obtidas no Google Earth.

Esse percurso cotidiano, realizado ao longo de cinco anos, deixou marcas profundas na mente de um menino curioso diante de tudo aquilo que era vivido. As brincadeiras criadas para enganar o cansaço, a admiração diante do temeroso "buracão", os traçados de ruas ainda não asfaltadas — tudo isso constituiu o primeiro contato real com a Geografia, posteriormente conceituada por meio de suas categorias fundamentais: lugar, paisagem e território. À época, porém, eu era imaturo demais para estabelecer as devidas conexões; limitava-me a crescer imerso em meio aos contrastes.

Em mais um giro dessa trajetória, recordo-me da mudança da moradia periférica do UR-5 para o Conjunto Beira Rio, no bairro do Pina, tendo como vizinhos os moradores da Comunidade do Bode, que viviam sobre palafitas nos manguezais da região. Foi nesse contexto que passei a compreender, de forma concreta, parte da poesia

de João Cabral de Melo Neto: os amigos de escola e de futebol de rua estavam frequentemente cobertos pelo tom acinzentado da lama dos mangues.

Eram exímios caçadores de guaiamuns e caranguejos. Com eles, aprendi a ler outra paisagem — não apenas como cenário natural, mas como espaço vivido, trabalhado e carregado de sentidos, no qual a sobrevivência cotidiana se entrelaçava às dinâmicas do ambiente.

Anos mais tarde, essa experiência encontrou ressonância na concepção de paisagem (*Landschaft*) sistematizada por Otto Schlüter, no âmbito da escola alemã de Geografia, que compreende a paisagem como uma unidade espacial concreta, resultante da organização e da interação entre elementos naturais e culturais. Tal abordagem teórica aproximou-se de forma significativa da minha cosmovisão, já moldada pela vivência direta e sensível com o território.

Falam as duas ciganas que haviam aparecido com os vizinhos
(Morte e vida Severina, p. 25)
João Cabral de Melo Neto

- Atenção peço, senhores,
para esta breve leitura:
somos ciganas do Egito,
lemos a sorte futura.
Vou dizer todas as coisas
que desde já posso ver
na vida desse menino
acabado de nascer:
aprenderá a engatinhar
por aí, com aratus,
aprenderá a caminhar
na lama, como goiamuns,
e a correr o ensinarão
o anfíbios caranguejos,
pelo que será anfíbio
como a gente daqui mesmo.

Cedo aprenderá a caçar:
primeiro, com as galinhas,
que é catando pelo chão
tudo o que cheira a comida
depois, aprenderá com
outras espécies de bichos:
com os porcos nos monturos,
com os cachorros no lixo.
Vejo-o, uns anos mais tarde,
na ilha do Maruim,
vestido negro de lama,
voltar de pescar siris
e vejo-o, ainda maior,
pelo imenso lamarão
fazendo dos dedos iscas
para pescar camarão.



Criei esta imagem em 1998 como ilustração da capa da monografia. Consiste em uma representação da cena clássica do sobrevivente nos mangues do Recife. Durante os anos no Pina, foi possível vivenciar um pouco deste cotidiano nas caminhadas entre as palafitas dos mangues do Pina. Identifiquei-me desde o início com esta imagem por representar os contrastes da vida. O jovem menino de periferia que cresceu às margens da sociedade urbana estava iniciando uma nova etapa da vida. Anos depois, seria o Pina o tema escolhido para o TCC, a primeira experiência com a pesquisa enquanto autor.

Imagem elaborada em 1998 e incluída na capa da monografia *Homem-caranguejo*

A moradia no Pina, embora não tenha sido muito longa, proporcionou-me uma experiência ímpar das diferentes paisagens de Recife e de suas contradições. A Geografia já lançava raízes em minha forma de observar o mundo: de um lado, os rios, os manguezais e as moradias sobre palafitas; de outro, os morros, o asfalto e os ritmos acelerados de uma estrutura urbana emergente. Em ambos os contextos, a pobreza e a exclusão marcavam a existência de uma vida severina.

Em mais um ajuste do caleidoscópio dessa trajetória, recordo-me de, aos dez anos de idade, ter deixado a periferia da zona sul da cidade do Recife para morar em Arthur Lundgren I, bairro do município de Paulista, no litoral norte de Pernambuco. Anos depois, mudamo-nos para o Conjunto Beira-Mar, onde passamos a ocupar um dos apartamentos dos blocos recém-construídos pela Caixa Econômica Federal.

Recordo-me, ainda, de ter sido acordado em uma manhã de domingo para permanecer no apartamento que acabara de ser ocupado, com o objetivo de evitar novas invasões. Em poucas horas, mais de quatro blocos foram ocupados. Sem possuir, à época, qualquer consciência analítica sobre aquele processo, eu estava, mais uma vez,

profundamente envolvido com a Geografia, vivenciando, de forma direta, as dinâmicas do território, da moradia e da exclusão urbana (Figura 1.6), e me antecipando a um futuro tema de pesquisa.



1.6 - Conjunto Beira Mar

Popularmente conhecido como Conjunto Beira Mar, este é um habitacional construído na década de 1982, com 37 edifícios de 4 e 13 pavimentos, no litoral de Paulista. Em 1986, os 748 apartamentos do residencial foram coordenadamente ocupados por grupos de pessoas que, havia 6 anos, aguardavam a liberação das moradias e por outros dos bairros da cidade ao ouvirem a informação da ocupação através do rádio (Diário de Pernambuco)

Minha mãe sempre atuou como comerciante. Assim que chegou ao Janga, rapidamente passou a ocupar uma das esquinas de um terreno desocupado, onde estabeleceu um pequeno comércio, cuja área foi sendo ampliada a cada ano (Figuras 1.7 e 1.8).





1.7 - Barraca azul (primeiro ano); 1.8 - Barraca azul, 38 anos depois (2024)

Em decorrência dos contatos que meu pai mantinha no trabalho, consegui uma vaga no Instituto de Educação de Pernambuco (IEP), localizado no perímetro central da cidade do Recife, o que me possibilitou vivenciar duas realidades distintas: de um lado, o convívio mais lento e modesto do local de residência, onde haviam se consolidado novas identidades; de outro, a dinamicidade e a complexidade já presentes no contexto urbano do Recife do final dos anos 1980.

Anos depois, já cursando o terceiro período de Geografia, e a partir dos conhecimentos adquiridos na disciplina de Geografia Agrária, ministrada por Joaquim Correia de Andrade, conquistamos a área por meio do usucapião. Naquele momento, percebi a possibilidade concreta de aplicação do conhecimento geográfico, bem como a relevância da mobilização social — aprendizado que certamente influenciou a decisão pelo vestibular em Geografia e, anos mais tarde, a escolha do tema da minha tese de doutorado.

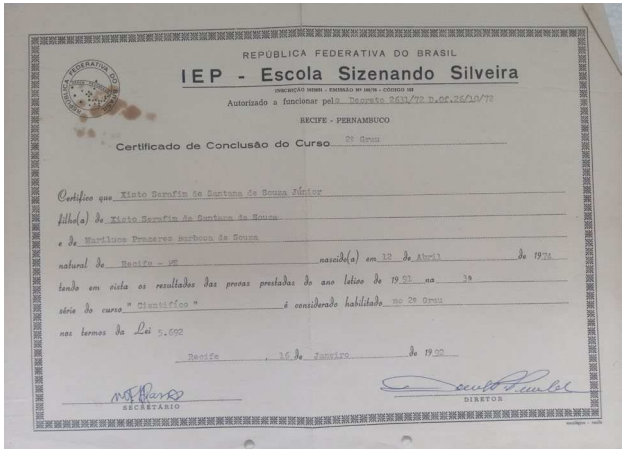
Coleção
Memorial
Acadêmico
UFCG



Capítulo 2
Segundo Giro

Formação acadêmica e construção do método

Cursei o ensino médio na Escola Sizenando Silveira, Instituto de Educação de Pernambuco, entre os anos de 1989 e 1991 (Figura 2.1).



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

IEP - Escola Sizenando Silveira

Autorizado a funcionar pelo Decreto 2631/72 D.OF.26/10/72

RECIFE - PERNAMBUCO

Certificado de Conclusão do Curso 2º Grau

Certifico que Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior

filho(a) do Xisto Serafim de Santana de Souza

e de Maria Luiza Pereira Barbosa de Souza

natural do Recife - PE nascido(a) em 12 de Abril de 1974

tendo em vista os resultados das provas prestadas do ano letivo de 1991 na 3ª

série do curso "Científico" é considerado habilitado no 2º Grau

nos termos da Lei 5.692

Recife, 16 de Janeiro de 1992

SECRETÁRIO DIRETOR

2.1 - Certificado de Conclusão do Ensino Médio

Durante o Ensino Médio, minha experiência com a Geografia foi pouco significativa do ponto de vista formativo. O ensino então predominante baseava-se na exposição de uma Geografia Geral, fortemente pautada por parâmetros quantitativos, o que exigia, como principal estratégia de aprendizagem, a memorização mecânica — comumente referida, na linguagem popular, como "decoreba". Em contraste com essa abordagem, as idas e vindas pelo Parque 13 de Maio, localizado ao lado da escola, enquanto espaço de circulação, contemplação e produção de territorialidades, despertaram questionamentos e curiosidades acerca de sua estrutura, dinâmica e função, antecipando, ainda que de forma intuitiva, um interesse mais crítico pela leitura do espaço geográfico (Figuras 2.2 e 2.3).





No Conjunto Beira-Mar, não existiam praças nem parques. Cresci me apropriando das ruas como espaço de convivência. **2.2** O acesso ao Parque 13 de Maio, devido à proximidade com o IEP (**2.3**) despertou novas curiosidades. Ao revisitar a memória, recordo-me das idas ao Parque sempre que surgia uma oportunidade. Nesse período, eu já cursava desenho no Forte do Brum e passei a ter como *hobby* registrar, em traços, as pessoas e a natureza do Parque. Infelizmente, esses desenhos se perderam ao longo do tempo.

Embora ainda não tivesse plena consciência desse processo, eu já expressava, em meus próprios discursos, o interesse em compreender as relações estabelecidas entre os atores sociais e a forma como estes influenciavam a produção do espaço. Foi igualmente nesse período que tive, pela primeira vez, ao observar vendedores de picolé e de algodão-doce e as dinâmicas associadas aos eventos em períodos festivos, o contato inicial com o conceito de território, entendido como o conjunto de relações de poder materializadas no espaço, capazes de modificar seu valor de uso. Tratava-se, contudo, de uma compreensão ainda situada no campo da subjetividade.

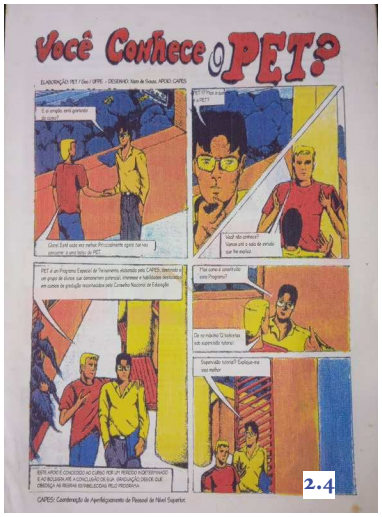
Concluído o então ensino científico, em 1992, iniciou-se o processo de decisão quanto à área de atuação profissional. Prestei vestibular e obtive aprovação nos cursos de Engenharia, na Universidade de Pernambuco (UPE), e de Geografia, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A opção pela Geografia deu-se em razão das condições financeiras e, sobretudo, das experiências formativas vivenciadas em um cursinho preparatório frequentado entre os anos de 1993 e 1994. Nesse contexto, tive contato com professores que apresentavam um conhecimento geográfico orientado pelo estímulo à análise crítica das contradições sociais produzidas por relações socioespaciais complexas. Em 1995, iniciei o curso de Geografia na UFPE. Já no primeiro semestre, fui, assim, apresentado a uma nova forma de olhar o espaço: apreendê-lo a partir da superposição de estratégias e táticas desenvolvidas pelos diversos sujeitos que compõem o palco no qual se realiza o teatro da vida social.

Um dos grandes diferenciais de minha formação acadêmica foi a oportunidade de ingressar, ainda em meados do segundo semestre letivo, no Programa Especial de Treinamento[1] (PET/GEO) do curso de Geografia, então — e ainda hoje — financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Através do

[1]. Atualmente o PET é denominado Programa de Educação Tutorial.

PET/GEO, pude compreender a existência do sujeito coletivo como alguém capaz de expressar as intencionalidades que identificam o grupo social do qual faz parte.

Sob a coordenação da professora Dra. Edvânia Torres Aguiar Gomes, tive, no PET/GEO, a oportunidade de desenvolver competências e habilidades fundamentais para minha formação como pesquisador e professor. Iniciativa, criatividade e capacidade de trabalho em equipe foram algumas das qualificações consolidadas ao longo desse percurso. A forma como orientava e respeitava o tempo de cada petiano serviu como inspiração para criação do perfil do Grupo de Pesquisas Integradas em Desenvolvimento Socioterritorial (GIDS), quando iniciei as atividades na UFCG. Sob a tutoria de Edvânia e o compartilhamento cotidiano com os integrantes do grupo, entre os quais destaco Lenilton Assis, Ady Rodrigues, Clélio Santos e Roseane Cavalcanti, obtive no PET/GEO um dos mais importantes alicerces da minha formação como professor, pesquisador e extensionista (Figuras 2.4 a 2.6).







2.4 - *Story book* criado por sugestão da tutora com o objetivo de divulgar as atividades do grupo; **2.5** - Reunião para elaboração do roteiro do vídeo documentário; **2.6** - Grupo PET - Roseane Cavalcanti, Edvânia Torres (tutora), Lenilton Assis, Ady Rodrigues e Clélio Santos

Uma dessas atividades consistiu no desenvolvimento da pesquisa *Turismo Geocientífico: 1ª Etapa – Litoral Sul da Região Metropolitana de Pernambuco*. Cada bolsista ficou responsável por um dos pontos previamente selecionados, cabendo-me investigar o bairro do Pina, com ênfase em sua população e em seus manguezais. A participação nesse projeto possibilitou, de forma simultânea, a vivência em três dimensões fundamentais da formação acadêmica: o ensino — ao servir de inspiração para as aulas de Geografia do Turismo, que seriam ministradas anos mais tarde na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); a pesquisa — ao contribuir para a definição temática do trabalho de conclusão de curso e, posteriormente, do mestrado; e a extensão — por meio da experiência inédita de participação na elaboração de um vídeo documentário[2].

Entre 1997 e 1998, tanto o projeto geral *Turismo Geocientífico* quanto a pesquisa que passei a desenvolver sobre os manguezais do Pina foram apresentados em diversos encontros e congressos de âmbito local, regional e nacional. Destacam-se, nesse período, os V e VI Congressos de Iniciação Científica (CONIC), o VI Encontro Regional de Estudos Geográficos (VI EREG), as 49ª e 50ª Reuniões da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e o XI Encontro Nacional de Estudos Geográficos. Em todos esses eventos, a recepção foi extremamente positiva, com avaliações que apontavam as contribuições potenciais das pesquisas tanto para o avanço científico quanto para a sociedade. Naquele momento, não havia uma preocupação central com a multiplicidade de apresentações de uma mesma pesquisa, mas, sobretudo, com a difusão dos resultados alcançados para públicos cada vez mais amplos.

Além da pesquisa, o PET proporcionou-me a oportunidade de desenvolver e aperfeiçoar diversas competências complementares à formação acadêmica, tais como a organização de eventos, a estrutu-

[2]. Confira o vídeo em: https://youtu.be/YgSTA8KugN8?si=TJAkPTtXpunUrjG9.

ração de relatórios, o estabelecimento de interlocuções com profissionais atuantes em áreas afins às prioridades do programa, a participação em treinamentos e a realização sistemática de leituras orientadas, entre outras experiências formativas que dificilmente teriam sido vivenciadas fora desse contexto.

Contudo, como brincava certa vez um dos colegas do PET, Clélio Santos, "minha vida não se resum[ia] apenas ao PET". Durante o período da graduação, tive a oportunidade de ministrar um curso sobre Geografia Internacional do Turismo, patrocinado pelo Sindicato Nacional de Desenvolvimento do Turismo (SINDETUR), com recursos provenientes do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT). Essa experiência marcou meu primeiro contato formal com a docência.

Paralelamente à participação em atividades de representação estudantil, por meio do Diretório Acadêmico, busquei aproveitar intensamente a presença em atividades de campo (Figura 2.7 e 2.8) e em eventos científicos (Figuras 2.9 e 2.10), por compreender que a experiência empírica constitui um dos métodos mais eficazes para a apreensão e a compreensão da Geografia.

As habilidades adquiridas no curso de Desenho, realizado no Forte do Brum, permitiram-me transpor para o papel as representações gráficas elaboradas pelo professor Lucivânio Jatobá tanto em sala de aula quanto durante as atividades de campo. Esses registros, associados à experiência acumulada ao longo de quase oito anos de docência nas áreas de Geomorfologia e Climatologia, nas Faculdades de Patos, resultaram, recentemente, na publicação do livro *Simplificando o ensino da Geomorfologia*, (Figura 2.11), disponível no site da Editora da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)[3].

[3].Disponível em: https://livros.editora.ufcg.edu.br/index.php/edufcg/catalog/book/281.













2.7 - Trabalho de campo da disciplina Geomorfologia Geral; **2.8** – Desenhos elaborados em sala de aula, a partir das representações do professor Lucivânio Jatobá; **2.9** - Apresentação do trabalho no Encontro de PETs de Geografia (Belo Horizonte); **2.10** – Primeira participação em evento científico; **2.11** – Capa do livro mais recente (2025).

No âmbito da extensão universitária, em parceria com colegas de turma, desenvolvemos o projeto Geoescola, que consistia na realização de visitas a municípios do Agreste pernambucano com o objetivo de ministrar oficinas e promover atividades de divulgação do curso de Geografia. Executado ao longo de dois anos consecutivos, o projeto constituiu uma experiência formativa de grande relevância para a articulação entre universidade e sociedade.

Essa iniciativa serviu de inspiração para a primeira atividade de extensão, posteriormente desenvolvida, tanto nas Faculdades Integradas de Patos (FIP) — por meio do projeto PROLICEN — quanto, já na condição de professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), no âmbito do Projeto GEOINTER, voltado ao intercâmbio e ao treinamento acadêmico.

Em 1998, motivado pelo envolvimento crescente com a pesquisa, optei pelo bacharelado, deixando a licenciatura para ser cursada no ano subsequente. Essa etapa, contudo, não se concretizou devido o meu ingresso no mestrado.

No bacharelado, passei a compreender que muitas das lacunas historicamente apontadas no campo da Geografia estão diretamente associadas às dificuldades enfrentadas pelo geógrafo na delimitação precisa de seu objeto de estudo, o que repercute tanto no plano teórico quanto na prática profissional.

Para a conclusão de curso, optei por desenvolver a monografia abordando o tema iniciado ainda no PET/GEO: análise socioespacial dos manguezais do Pina. Desenvolvi o TCC associando questões oriundas do tempo de infância – observação do mangue como relicário urbano-ambiental do Recife das Ilhas[4] — às inquietações da adolescência, marcadas pela análise da criatividade da população socialmente excluída em ressignificar sua própria história e a história do espaço no qual exerce suas territorialidades.

Iniciei o mestrado no ano seguinte ao término da graduação (Figuras 2.12 a 2.14). Assim como ocorrera no processo seletivo do PET, fui classificado em segundo lugar, o que possibilitou a obtenção de bolsa concedida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), instituição à qual devo a viabilidade da conclusão da pós-graduação.

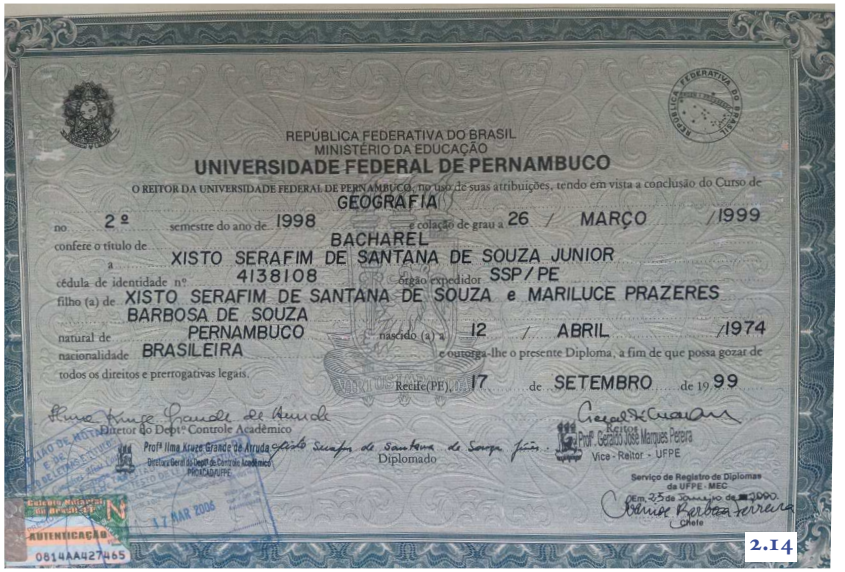


2.12



2.13

[4]. Título sugerido pela tutora, professora Edvânia Gomes.



2.14

2.12 - Defesa da monografia; **2.13** - Foto com os colegas concluintes (bacharéis de Geografia 1998); **2.14** - Diploma de bacharel em Geografia

Na dissertação, intitulada *Os atores sociais na organização socioespacial do bairro do Pina, em Recife-PE: convergências e dissidências*, busquei analisar a participação dos atores sociais no processo de estruturação urbana, o que influenciou diretamente a escolha por investigar as convergências e dissidências existentes entre esses atores, no que se refere aos interesses relacionados à apropriação de uma área de cobertura vegetal situada entre o centro administrativo da cidade do Recife e seu centro comercial, representado, nesse caso, pelo bairro do Pina.

Os resultados da pesquisa evidenciaram que, em espaços nos quais as territorialidades já se encontram consolidadas, a atuação dos atores sociais representativos da sociedade civil organizada tende a apresentar baixa efetividade (Figura 2.15). Essa constatação suscitou

um novo questionamento orientador da minha trajetória investigativa: qual é a real influência dos diferentes segmentos da sociedade civil organizada no processo de produção do espaço em ambientes urbanos, nos quais tais atores ainda se encontram em processo de formação?



República Federativa do Brasil
Ministério da Educação
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

O Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, no uso de suas atribuições, tendo em vista a conclusão do Curso de MESTRADO EM GEOGRAFIA no 2º semestre do ano de 2001 e colação de grau a 12 / 06 /2002 confere o título de MESTRE a XISTO SERAFIM DE SANTANA DE SOUZA JUNIOR cédula de identidade nº 4.138.108 órgão expedidor SSP/PE filho(a) de XISTO SERAFIM DE SANTANA DE SOUZA E MARILUCE PRAZERES BARBOSA DE SOUZA natural de PERNAMBUCO nascido(a) a 12 de ABRIL de 1974 nacionalidade BRASILEIRA outorgando-lhe o presente Diploma, a fim de que possa gozar de todos os direitos e prerrogativas legais.

Recife(PE), 15 de AGOSTO de 2002

Prof. Paulo Roberto Freire Cunha
Reitor

Prof. Alcindo José de Sá
Coordenador do Curso de Mestrado em Geografia/UFPE

Diplomado(a)

Serviço de Registro de Diploma da UFPE - MEC
Em 15 de 04 de 2003

2.15

O mestrado representou, também, a oportunidade de construir novas amizades e de traçar novos projetos de vida. Nesse percurso, destaco o encontro com Martha Priscila Bezerra Pereira, companheira de vida e de trajetória acadêmica. Também geógrafa e colega de mestrado, sua presença foi fundamental para que eu pudesse vivenciar essa etapa da formação de maneira equilibrada e sem maiores dificuldades.

Durante o período do curso, entre 1999 e 2001, nossa relação evoluiu de namoro a noivado em menos de dois anos, consolidando um vínculo pessoal que caminhou de forma paralela e complementar ao amadurecimento acadêmico e profissional então vivenciado (Figuras 2.16 a 2.18).



2.16



2.17

2.16 – Durante uma atividade de campo da disciplina ministrada pela professora Zilá Mesquita, percebi que aquela convivência já ultrapassava os limites da amizade, revelando o início de um vínculo afetivo mais profundo; **2.17**– Participação em um evento acadêmico no Crato, marcado inicialmente por uma relação de amizade; 2.18 – Um ano depois, firmávamos um compromisso que se consolidaria ao longo do tempo. Casamo-nos em 2003, após a conclusão do mestrado. Mais do que uma esposa, encontrei uma companheira de vida, de lutas e de projetos. Compartilhamos metas acadêmicas e seguimos juntos na preparação para o doutorado.



2.18

No contexto pessoal, o convívio com Priscila contribuiu para que eu me tornasse uma pessoa mais sociável, sendo seu companheirismo fundamental para o desenvolvimento de novas competências e habilidades tanto no âmbito pessoal quanto no profissional. No contexto profissional e acadêmico, ao lado dela, tive acesso a um novo método de investigação científica: a pesquisa qualitativa, que passou a servir de referência no doutorado e nas primeiras pesquisas desenvolvidas na UFCG.

Para o desenvolvimento da pesquisa de mestrado, tive a oportunidade de contar com a orientação da saudosa Profa. Dra. Beatriz Maria Soares Pontes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). "Bia", como carinhosamente a chamávamos, era uma profissional cuja fala despertava, de forma recorrente, atenção e interesse. Sua elevada capacidade de raciocínio e concentração, aliada a uma habilidade singular para a análise dos fenômenos socioespaciais, transmitia a percepção de que a Geografia estava distante do

estigma de um campo excessivamente árido ou inacessível, muitas vezes retratado como um "bicho-papão". A ela, devo parte significativa das contribuições que moldaram minha formação profissional, especialmente no que se refere ao desenvolvimento da escuta atenta e da análise crítica.

Durante o mestrado, a participação em eventos científicos manteve-se como uma constante. Entre os diversos encontros dos quais participei, seja como ouvinte, seja como apresentador de trabalhos, destaco aqueles que tiveram maior impacto na minha formação profissional: o I Encontro de Pós-Graduandos, realizado em Recife-PE, em 1999, ocasião em que, pela primeira vez, apresentei os resultados da monografia de graduação e expus o projeto de mestrado; o XVI Encontro Regional de Estudantes de Geografia do Nordeste, realizado em João Pessoa-PB, também em 1999, no qual ministrei meu primeiro minicurso, intitulado "A prática do trabalho de campo na formação do geógrafo", que obteve excelente receptividade; e o I Encontro Paraibano de Geografia, realizado em Campina Grande -PB, em 2000, experiência que me permitiu coordenar um espaço de diálogo acadêmico.

Essas vivências ampliaram significativamente meu campo de atuação, possibilitando a realização de atividades até então pouco familiares e evidenciando avanços concretos em minha trajetória formativa.

Outro marco relevante desse período foi a publicação dos meus primeiros artigos científicos, ambos em 2002. O primeiro, intitulado "Território das representações: uma análise interpretativa", teve como objetivo analisar o território observado e produzido pelo imaginário social. O segundo, "O profissional de Geografia e o trabalho de campo", publicado em coautoria com duas colegas do mestrado, na revista do Departamento de Geografia da UFPE, buscou analisar as diferentes formas de realização do trabalho de campo por estudantes de Geografia, a partir do uso de distintos métodos e técnicas de análise.

Para além do ambiente universitário, entre os anos de 2001 e 2002, atuei como colaborador do Projeto Rondon-PE, uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) voltada à promoção da melhoria da qualidade de vida e do desenvolvimento socioeconômico de populações tradicionais, como comunidades indígenas, pescadores artesanais e comunidades quilombolas. Em 2002, assumi a coordenação do projeto Agenciamento Urbano-Ambiental da Zona Litorânea da APA de Guadalupe, no Litoral Sul de Pernambuco, desenvolvido com apoio e parceria do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA).

O projeto teve como objetivo promover o desenvolvimento sustentável do município de Tamandaré, a partir da valorização das práticas espaciais de pescadores e moradores locais. Para sua execução, coordenei uma equipe composta por três monitores, todos graduandos do curso de Engenharia Florestal da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), realizando levantamento documental e dois trabalhos de campo. Anos mais tarde, já na condição de docente das Faculdades Integradas de Patos (FIP), assumi a coordenação do Projeto Rondon no Estado da Paraíba (Figuras 2.19 e 2.20).





2.19 e 2.20 - Através do projeto Rondon, além da experiência de atuar como geógrafo, compreendi que a sociedade espera que a Geografia se apresente como ciência aplicada. Foram doze encontros consecutivos com a Direção Nacional do Rondon no Distrito Federal, tendo como anfitrião o presidente nacional do Rondon, coronel Pasquali.

Encerrado o mestrado, após a defesa de um trabalho que recebeu avaliações positivas e trouxe contribuições relevantes para o debate entre fundamentos teóricos e metodologias de análise, deparei-me com o desafio de definir os próximos passos da trajetória profissional: ingressar no mercado de trabalho, consolidar a vida familiar ou dar continuidade à formação acadêmica por meio do doutorado.

Essa decisão foi facilitada ao receber a notícia, por intermédio de uma colega do mestrado, de que meu currículo havia sido aprovado para que eu atuasse como docente no curso de Geografia das Faculdades Integradas de Patos (FIP), no Sertão Paraibano. Conforme é analisado no próximo giro, ministrei aulas na FIP entre os anos de 2001 e 2004, retornando posteriormente em 2009, onde permaneci até março de 2010, quando ingressei, por concurso público, na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Casei com Priscila em 2003 e passamos a residir em João Pessoa -PB. Juntos, iniciamos a definição dos primeiros contornos do projeto de doutoramento, buscando conciliar o tempo dedicado à escrita acadêmica com as exigências da atividade profissional: eu atuando como docente em uma instituição de ensino superior do interior da Paraíba e ela como geógrafa do município de Santa Rita, na Região Metropolitana de João Pessoa. O ingresso no doutorado, em 2004, mostrou-se particularmente desafiador.

Assim como ocorrera durante a infância na capital pernambucana — agora, porém, sob um olhar mais amadurecido de um profissional da Geografia engajado no estudo da dinâmica urbana e regional —, passei a perceber João Pessoa como uma cidade marcada por profundos contrastes socioespaciais: de um lado, uma imagem construída e difundida como símbolo de elevada qualidade de vida, associada às permanências paisagísticas, que lhe renderam o título de "segunda cidade mais verde do mundo", e ao seu potencial para a estruturação do espaço turístico; de outro, uma cidade que exclui parcelas significativas da população do direito ao uso pleno do espaço urbano, ao não garantir sequer o direito básico à moradia digna, expresso nas condições de habitabilidade.

Após alguns ajustes teórico-metodológicos, optei por aprofundar essa segunda perspectiva, ampliando o foco de análise: mais do que estudar João Pessoa enquanto espaço turístico, passei a problematizar os impactos regionais da estruturação do turismo no estado da Paraíba. Nesse contexto, Priscila e eu nos submetemos ao processo seletivo do doutorado em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sem êxito. Ainda em 2004, surgiu a possibilidade de participação no processo seletivo da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Realizamos a seleção e obtivemos aprovação, abrindo-se, assim, um novo desafio: reorganizar completamente a vida pessoal e profissional para o interior do estado de São Paulo.

À época, o Brasil atravessava um período de reestruturação no financiamento da pesquisa científica, especialmente no que se referia à concessão de bolsas. Havia grande expectativa quanto à obtenção de apoio financeiro, em razão da colocação final no processo seletivo — expectativa esta parcialmente concretizada, uma vez que Priscila obteve a bolsa, enquanto eu não. Diante desse cenário, ela seguiu para Presidente Prudente, a fim de estabelecer residência, enquanto precisei adiar o início do doutorado, permanecendo na docência na FIP, em comum acordo institucional, como forma de manter o vínculo empregatício até que fosse possível dar continuidade ao curso

Iniciei efetivamente o doutorado em meados de 2005. Tratou-se de um período de incertezas, uma vez que a realização do doutoramento, contando inicialmente com apenas uma bolsa, mostrava-se financeiramente inviável. Foram tempos difíceis! Longe de parentes... Algumas vezes almoçando com esfirras; outras dividindo coxinha ou nos contentando com mangas e goiabas "roubadas" das árvores da UNESP. Conquistamos, no entanto, amigos. Alguns ainda vemos; outros estão nas folhas do tempo.

Em junho desse mesmo ano, passei a contar com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Ainda assim, a pesquisa inicialmente orientada para o tema do turismo não apresentou o desdobramento teórico-metodológico esperado. As experiências acumuladas desde a infância, marcadas pela observação das contradições socioespaciais, associadas ao amadurecimento teórico-metodológico adquirido no mestrado e às reflexões desenvolvidas na disciplina Seminário de Doutorado, foram decisivas para que eu solicitasse à Coordenação do Programa a mudança do tema de pesquisa e, consequentemente, da orientação.

Sob a orientação do professor Dr. Eliseu Savério Sposito, passei a analisar a atuação dos atores sociais no processo de produção do espaço urbano. Optamos, então, por investigar esse processo na cidade de João Pessoa, considerando que as práticas socioterritoriais ali observadas ainda não se encontravam tão consolidadas quanto aquelas evidenciadas em outros espaços metropolitanos.

O estudo das práticas desenvolvidas pelos movimentos sociais urbanos configurou-se, assim, como a principal motivação para a reformulação do projeto de doutorado, retomando debates que haviam atravessado minha formação antes e depois do ingresso na graduação. O foco deslocou-se da paisagem para as categorias território e territorialidades, passando a analisar as práticas desses sujeitos sociais sob duas dimensões centrais: a ocupação, enquanto estratégia de produção de territórios, a partir da conquista da moradia; e a luta pelo direito à acessibilidade urbana. O texto resultante, mais do que um exercício acadêmico, constitui-se como expressão de um percurso formativo e profissional historicamente construído.

A mudança de orientação e de tema de pesquisa possibilitou, ainda, meu ingresso no Grupo de Análise Socioespacial, Produção do Espaço e Relações de Poder (GASPERR), ampliando o contato com a produção bibliográfica sobre a cidade, o urbano e o desenvolvimento econômico e regional. Esses referenciais foram fundamentais para a definição da tese de que o território (poder), para existir, precisa ser socialmente reconhecido. Anos mais tarde, a experiência vivenciada no GASPERR, associada aos anos de PET, serviu de inspiração para a criação do Grupo de Pesquisas Integradas em Desenvolvimento Socioterritorial (GIDS).

Entre os principais acontecimentos desse período, destacam-se, pela relevância formativa, a participação como arguidor em três bancas de projetos de monografia; e, de modo especial, a atuação, também como arguidor, em uma banca de defesa de monografia. Tais experiências mostraram-se particularmente significativas, por proporcionarem contato direto com os desafios inerentes à prática acadêmica e à futura atuação profissional. Além disso, permitiram um exercício sistemático de autoavaliação, a partir do qual foi possível identificar limitações e aperfeiçoar a postura acadêmica para participações futuras, resultando em um saldo amplamente positivo.

Os anos de doutorado foram, igualmente, marcados pela ampliação de laços afetivos e pelo fortalecimento da convivência coletiva. Eram frequentes as atividades comemorativas e os momentos de confraternização entre os pós-graduandos e no âmbito do grupo de pesquisa. Essa vivência seria posteriormente replicada no GIDS, revelando-se fundamental para o desenvolvimento de uma competência que se consolidaria nos anos seguintes: a liderança de grupos acadêmicos (Figuras 2.21 e 2.22).



2.21 e 2.22 – Confraternização do GASPERR

O doutorado também estimulou a retomada da participação em eventos científicos, como o II Seminário Internacional de História e o II Seminário de Produção do Espaço Urbano e Regional, assim como o retorno à produção acadêmica, materializado na publicação de artigo no VII Colóquio Internacional de Geocrítica, em Santiago, Chile. Tais experiências ainda contribuíram para o aprofundamento crítico de minha compreensão sobre a Geografia, sua dinâmica, tensões e limites.

Além da pesquisa, durante o doutorado, foi possível obter experiência no ensino (lecionei a disciplina Planejamento Regional durante dois semestres como professor-bolsista) e na extensão, a partir de uma oficina ministrada em intercâmbio, realizado na cidade de San Juan, Pré-Cordilheira dos Andes, Argentina (Figuras 2.23 e 2.24).





2.23 – Saída para ministrar o primeiro dia de aula na UNESP**; 2.24** – Preparativos para expedição à cidade de San Juan, Argentina

O doutorado possibilitou-me ainda aprofundar a compreensão acerca da produção do espaço geográfico, entendido não como uma realidade neutra ou meramente descritiva, mas como resultado direto de relações sociais historicamente construídas. Passei a compreendê-lo como produto da atuação de agentes diversos, cujas ações expressam interesses, disputas e relações de poder que se materializam territorialmente. Essa perspectiva orientou minhas escolhas teóricas e metodológicas, permitindo analisar o território como uma construção social dinâmica, atravessada por conflitos, contradições e desigualdades.

Apesar de ter iniciado o doutorado com um atraso de seis meses em relação ao calendário formal do Programa e de ter vivenciado a experiência adversa da perda de dois capítulos já redigidos, poucos meses antes da etapa de qualificação, consegui concluir a pesquisa dentro do prazo estabelecido, realizando a defesa em outubro de 2008 (Figuras 2.25 a 2.29).

A obtenção do título de doutor representou mais do que a realização de um projeto pessoal, constituiu motivo de orgulho para uma família de trajetória humilde, que pôde ver um de seus filhos graduar-se em Geografia e, posteriormente, alcançar a titulação de doutor. Essa conquista permitiu que os "achismos" da infância — construídos nos percursos cotidianos até a escola e nos contextos de adversidade então vivenciados — passassem a adquirir sentido e fundamentação teórica.

O conceito de território, por exemplo, categoria com a qual eu ainda trabalharia ao longo de muitos anos, passou a apresentar maior coerência analítica, sendo compreendido para além de sua dimensão físico-espacial, ao incorporar aspectos políticos, simbólicos e sociais. Os resultados da pesquisa de doutorado possibilitaram identificá-lo como expressão concreta das práticas sociais e das estratégias de apropriação, revelando não apenas formas de uso, mas também intencionalidades e projetos de sociedade. Essa abordagem contribuiu para uma leitura mais crítica dos processos de produção do espaço, especialmente no contexto urbano, onde as disputas se manifestam de maneira mais evidente.



República Federativa do Brasil

unesp

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

O Reitor da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", confere ao Senhor

Xisto Serafim de Santana de Souza Junior

nacionalidade brasileira, natural do Estado de Pernambuco, nascido a 12 de abril de 1974, cédula de identidade RG nº 38.259.950-8-SSP/SP,

o título de

Doutor em Geografia

na Área de Produção do Espaço Geográfico

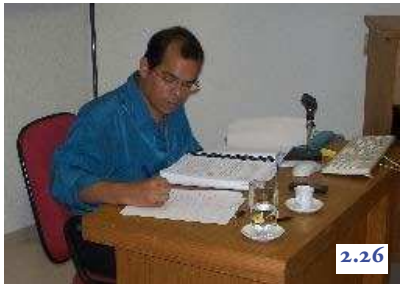
obtido junto à Faculdade de Ciências e Tecnologia do *Campus* de Presidente Prudente, tendo em vista que satisfez a todas as exigências pertinentes a esse grau, estabelecidas em lei e no Regimento Geral da Pós-graduação desta Universidade a para que possa gozar de todos os direitos e prerrogativas concedidos pela legislação vigente.

Reitoria, 16 de fevereiro de 2009.

Prof. Dr. João Fernando Custódio da Silva
Reitor

Prof. Dr. Hernani Aquino Ribeiro Costa
Vice-Reitor

2.25



2.26



2.27



2.28



2.29

2.25 - Diploma de doutorado; **2.6 e 2.27 -** Momento de deliberação final da banca - professores Eliseu Sposito (orientador), Arthur Whitacher, Bernardo Mançano, Beatriz Ribeiro Soares e Doralice Sátiro; **2.28 -** Tese impressa; **2.29 -** Recepção dos familiares que organizaram uma faixa "Parabéns a Xisto pelo doutorado em Geografia (UNESP)"**:** à esquerda, a minha mãe; do meu lado esquerdo, a minha esposa; e do meu lado direito, o meu pai.

A articulação entre teoria e prática constituiu um eixo estruturante da minha formação como doutor, uma vez que a experiência empírica — materializada por meio de atividades de campo, participação em eventos científicos, atuação em bancas acadêmicas e observação direta da realidade socioespacial — mostrou-se fundamental para a consolidação de uma postura analítica mais rigorosa. Tais experiências possibilitaram o confronto sistemático entre categorias teóricas e a realidade observada, fortalecendo a capacidade de interpretação crítica e evitando leituras excessivamente abstratas ou dissociadas dos contextos concretos.

Coleção
MEMORIAL
ACADÊMICO
UFCG



Capítulo 3
terceiro giro

Experiência profissional, a minha vida na UFCG

Desde a graduação, tive a oportunidade de vivenciar experiências tanto no campo da Geografia Física quanto no da Geografia Humana, ainda que esta última tenha sido predominante em minha formação. Nesse contexto, recebi o convite para lecionar três disciplinas da área de Geografia Física — Geomorfologia Geral, Geomorfologia Estrutural e Climatologia — na Faculdade Integrada de Patos (FIP), no Estado da Paraíba.

O fato de se tratar de disciplinas de Geografia Física, cujos referenciais teóricos haviam sido parcialmente deixados em segundo plano desde o início do mestrado, associado à localização geográfica da instituição no Alto Sertão paraibano, provocou, inicialmente, certa apreensão. Superado o impacto inicial, aceitei o desafio e, cerca de um mês depois — no início de fevereiro de 2002, já me encontrava na cidade de Patos.

O deslocamento semanal era custeado pela instituição. Saía de Recife às segundas-feiras, às 7h, em ônibus da empresa Guanabara, chegando a Patos por volta das 17h, após percorrer aproximadamente 377 quilômetros. Permanecia três dias na cidade e retornava às quintas-feiras. Embora o traslado fosse extremamente cansativo, enfrentei essa rotina com resiliência e compromisso profissional.

Em 2003, após o casamento e a mudança de residência para João Pessoa, substituí as viagens de ônibus pelo deslocamento em van, realizado em conjunto com outros docentes, serviço igualmente disponibilizado pela instituição (Figuras 3.1 e 3.2).



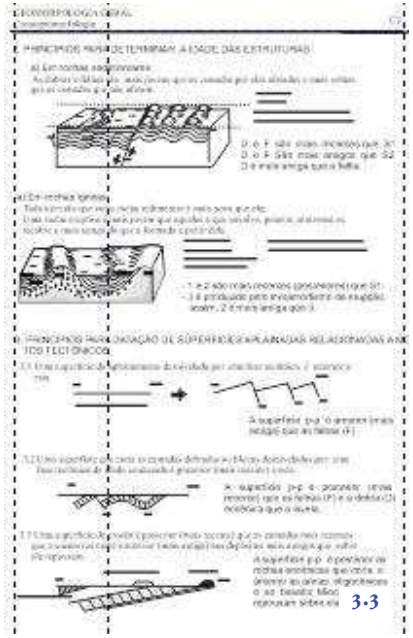
3.1


3.2

3.1 - Visão da entrada principal das Faculdades Integradas de Patos; **3.2** - Grupo de professores que ministravam aulas em Patos e tinham residência em Campina Grande e João Pessoa. O deslocamento era cansativo, mas nos divertíamos muito.

Embora Patos seja uma cidade de porte intermediário — com 103.165 habitantes, segundo o último censo —, sua localização geográfica é estratégica, especialmente do ponto de vista morfológico. O estrangulamento produzido pelas serras de Santa Luzia (PB) e de Teixeira (PB) faz do município um importante elo de circulação regional, conectando os fluxos provenientes da capital em direção ao Sertão Paraibano, bem como aqueles que se deslocam do Sertão Pernambucano em direção ao Sertão Norte-Rio-Grandense. À época, a Faculdade Integrada de Patos (FIP) já despontava como a terceira maior força no campo do ensino superior no município.

Ao contrário do que havia inicialmente imaginado, não enfrentei dificuldades significativas no desenvolvimento das aulas. A elaboração prévia de planos de curso, aliada aos registros e materiais acumulados durante a graduação, foi fundamental para superar os desafios dessa primeira experiência docente em disciplinas de graduação. Tal esforço tornou-se ainda mais relevante diante da limitação de recursos didáticos disponíveis naquele período, especialmente a ausência de imagens digitais e de recursos audiovisuais, hoje amplamente acessíveis (Figuras 3.3 e 3.4).


3.3



3.4

3.3 e 3.4 - Estrutura utilizada para as aulas de Geomorfologia Estrutural e Geomorfologia Geral, a partir de anotações realizadas na graduação.

Outra grande experiência ocorrida em 2002 foi a oportunidade de ministrar um curso sobre a elaboração de maquete como prática didático-pedagógica. A técnica, apreendida em um minicurso reali-

zado no XIII Encontro Nacional de Geógrafos, ocorrido em João Pessoa, em julho do mesmo ano, despertou a atenção dos alunos, alguns já professores de escolas particulares do Ensino Médio, por se tratar de uma técnica que possibilita a construção de maquetes de fácil manuseio (Figuras 3.5 e 3.6).





3.5 e 3.6 – Repliquei esta técnica 15 anos depois, já na UFCG - maquete formada com o uso de Idofluan, sendo uma das técnicas de grande potencialidade para uso em sala de aula.

No início de 2003, em meio aos preparativos para o casamento, planejado para o final de novembro daquele mesmo ano, deparei-me com um novo desafio: fui convidado a ministrar, também na FIP, uma disciplina no curso de especialização Geografia, Semiárido e Meio Ambiente. A disciplina, intitulada Geomorfologia e Semiárido: a paisagem do sertão paraibano em contexto, ocorreu ao longo de dois meses, sendo ofertada de forma concentrada, e contou com alunos de diversas formações acadêmicas. Seu objetivo central era analisar as possibilidades de estudo das dinâmicas das formas de relevo, a partir da paisagem enquanto categoria geográfica.

Com o passar do tempo, e em decorrência das dificuldades para desenvolver atividades de extensão e pesquisa, iniciei a busca pela realização de concurso público. Em 2003, surgiu, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), a oportunidade de participar do primeiro certame, cuja vaga disponível era destinada à área de Geografia Regional. Não enfrentei maiores dificuldades nos tópicos sorteados tanto na prova escrita quanto na prova didática, o que resultou em

um terceiro lugar entre os oito candidatos que concorriam à vaga. Fiquei a poucos décimos dos dois primeiros colocados, em razão de não possuir o título de doutor (situação do primeiro colocado) nem estar cursando o doutorado (situação da segunda colocada). Ainda assim, essa seleção constituiu uma experiência formativa relevante.

Paralelamente às atividades de docência na FIP, tive a oportunidade de participar do planejamento e da execução da Pré-Conferência Nacional do Meio Ambiente do Estado da Paraíba, vinculada ao programa Vamos Cuidar do Brasil, proposto pelo Governo Federal; além de coordenar as atividades voltadas à reestruturação do Projeto Rondon no Estado da Paraíba, iniciativa que se concretizou no ano seguinte.

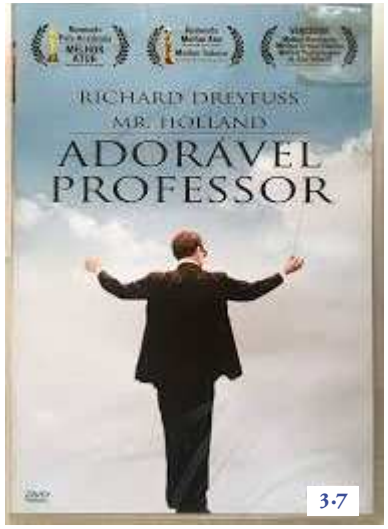
Em 2004, consegui, finalmente, implementar o projeto de extensão Geoescola, seguindo os mesmos princípios metodológicos do projeto do qual havia participado durante a graduação: a divulgação do curso nos municípios vizinhos. Os resultados foram expressivos, com um aumento de 26% no número de matrículas no curso de Geografia, revertendo parcialmente o processo de evasão registrado em 2003.

Nos meses de março e abril deste mesmo ano, surgiu uma nova oportunidade de concurso para docente, desta vez promovido pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, localizada em Recife, junto ao Departamento de Ciências Humanas da instituição. O certame destinava-se às áreas de Geografia Humana e Geografia Física.

Em decorrência da trajetória construída, o aprendizado em Geografia Humana ao longo do processo formativo, aliado à recente experiência na área de Geografia Física, serviu como estímulo para a participação nesse concurso. Dessa vez, concorri com mais quinze candidatos, entre os quais alguns eram colegas de graduação e/ou pós-graduação. Novamente, não obtive aprovação em razão de ainda não possuir o título de doutor, ficando em segundo lugar, com média final de 8,99, apenas alguns décimos abaixo do primeiro colocado, que já

detinha o doutorado. Essa experiência levou-me a refletir de forma mais aprofundada sobre a importância e a necessidade da conclusão do doutorado.

Para quem já assistiu a *Mr. Holland's Opus* (*Um adorável professor*), filme de 1995 (Figura 3.7), é possível compreender como passei a me sentir após essa nova tentativa, ao perceber colegas que já acumulavam mais de vinte anos de atuação docente na FIP. Em síntese, o filme retrata a trajetória de um músico que sonha em se tornar compositor, mas que acaba sendo absorvido pelo cotidiano do ensino.



Sinopse: Em 1964, o personagem interpretado por Richard Dreyfuss ingressa na docência em busca de estabilidade financeira, inicialmente com dificuldades para engajar os alunos, mas acaba se envolvendo profundamente com a escola, relegando seu projeto de compositor a segundo plano. Guardadas as devidas proporções, reconheci-me nessa trajetória: um geógrafo comprometido com a pesquisa e a extensão, mas, naquele período, dedicado quase exclusivamente ao ensino. Ainda assim, ao longo de três anos, obtive avaliações positivas e reconhecimento discente, reafirmando meu compromisso com a docência, sem abandonar o objetivo de ampliar minha atuação acadêmica.

3.7 – Capa do filme *Adorável professor* (1995)

Após quatro anos dedicados ao doutorado, retornei à FIP, agora na condição de doutor, para retomar as atividades acadêmicas. O presidente da Fundação Francisco Mascarenhas, mantenedora da instituição, havia anteriormente concedido licença sem vencimentos, o que possibilitou minha qualificação.

O retorno não se deu apenas na condição de docente, mas também com a assunção de diversas funções administrativas e acadêmicas, entre as quais: coordenador de curso; membro do Núcleo

Docente Estruturante; integrante do Colegiado de curso; membro do corpo editorial da *Revista Formação*; avaliador de cinco trabalhos de conclusão de curso; e orientador de dois trabalhos de conclusão de curso. Ademais, recebi apoio institucional para participar do XI Simpósio Nacional de Geografia Urbana, realizado em Brasília-DF, ocasião em que também publiquei meu primeiro capítulo de livro, o qual passou a definir minha opção metodológica para os projetos desenvolvidos posteriormente. Tais experiências foram importantes para a construção de meu perfil profissional.

O ano de 2009, marcado pela expansão do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – o REUNI, criado durante o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva[5], representou para o Brasil um marco decisivo no processo de democratização do acesso ao ensino superior público, especialmente por meio da interiorização das universidades federais e da abertura de novos cursos. Para mim, era uma nova oportunidade.

Ao romper com a histórica concentração das instituições de ensino superior nas capitais e nos grandes centros urbanos, o REUNI ((implementado entre os anos de 2007 e 2009) possibilitou a instalação de *campi* avançados e unidades acadêmicas no interior do país, ampliando significativamente o alcance territorial das universidades. Essa expansão resultou na publicação de diversos concursos nas universidades federais.

Nesse período, realizei quatro tentativas de ingresso na carreira docente em universidades federais, sendo aprovado em três — Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

[5]. O Projeto REUNI (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais) foi instituído em 24 de abril de 2007, por meio do Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, que formaliza o programa como política pública de educação superior no Brasil. Disponível em: https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=7&data=25/04/2007.

— e aprovação e classificação em uma, a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

O processo seletivo foi tranquilo, apesar de estar um pouco receoso devido aos insucessos anteriores. Optei por Geografia Regional, por ter realizado, ao longo da qualificação, a leitura de muitos textos relacionados a este tema; e Priscila por Metodologia Científica e da Pesquisa Geográfica.

O apoio de Priscila foi decisivo e indispensável. Compartilhávamos o objetivo da aprovação em uma universidade federal e enfrentávamos desafios comuns, como a adaptação a uma cidade desconhecida e a ausência de apoio familiar. Nesse contexto, o suporte mútuo foi estratégico: sua expertise em metodologia contribuiu para a elaboração de um plano de aula objetivo e consistente, enquanto minha experiência em concursos anteriores a auxiliou na orientação prática e no fortalecimento emocional diante das etapas avaliativas e dos procedimentos burocráticos. O ato de nomeação foi publicado em fevereiro de 2010 (Figura 3.8).



20 ISSN 1677-7050 **Diário Oficial da União - Seção 2** Nº 38, sexta-feira, 26 de fevereiro de 2010

Nº 380 - Nomear MARTHA PRISCILA BEZERRA PEREIRA, em virtude de habilitação em concurso público instituído pelo Edital/CH Nº 10/2009, com resultado homologado através do Edital/CH Nº 10/2009, publicado no D.O.U. de 23/07/2009, com provimento autorizado pela Portaria nº 150 do Ministério de Educação, publicada no DOU de 10 de fevereiro de 2010, para o cargo de Professor Adjunto, Padrão I, em regime de trabalho T-40, com dedicação exclusiva código de vaga nº 0873285.

Nº 381 - Nomear NILTON ABRANCHES JUNIOR, em virtude de habilitação em concurso público instituído pelo Edital/CH Nº 10/2009, com resultado homologado através do Edital/CH Nº 10/2009, publicado no D.O.U. de 23/07/2009, com provimento autorizado pela Portaria nº 150 do Ministério de Educação, publicada no DOU de 10 de fevereiro de 2010, para o cargo de Professor Adjunto, Padrão I, em regime de trabalho T-40 com dedicação exclusiva código de vaga nº 0873284.

Nº 382 - Nomear DÉBORA COELHO MOURA, em virtude de habilitação em concurso público instituído pelo Edital/CH Nº 10/2009, com resultado homologado através do Edital/CH Nº 10/2009, publicado no D.O.U. de 23/07/2009, com provimento autorizado pela Portaria nº 150 do Ministério de Educação, publicada no DOU de 10 de fevereiro de 2010, para o cargo de Professor Adjunto, Padrão I, em regime de trabalho T-40 com dedicação exclusiva código de vaga nº 0873285.

Nº 383 - Nomear XISTO SERAFIM DE SANTANA DE SOUZA JUNIOR, em virtude de habilitação em concurso público instituído pelo Edital/CH Nº 10/2009, com resultado homologado através do Edital/CH Nº 15/2009, publicado no D.O.U. de 23/07/2009, com provimento autorizado pela Portaria nº 150 do Ministério de Educação, publicado no DOU de 10 de fevereiro de 2010, para o cargo de Professor Adjunto, Padrão I, em regime de trabalho T-40 com dedicação exclusiva código de vaga nº 0873286

Nº 384 - Nomear PAULO XAVIER PAMPLONA, em virtude de habilitação em concurso público instituído pelo Edital/CCTA Nº 01/2009, com resultado homologado através do Edital/CCTA Nº 04/2009, publicado no D.O.U. de 14/04/2009, com provimento autorizado pela Portaria nº 150 do Ministério da Educação, publicada no DOU de 10 de fevereiro de 2010, para o cargo de Professor Assistente, Padrão 2, em regime de trabalho T-40 com dedicação exclusiva código de vaga nº 0873292

Nº 385 - Nomear RICARDO SCHMIDT FILHO, em virtude de habilitação em concurso público instituído pelo Edital/CCTA Nº 07/2009, com resultado homologado através do Edital/CCTA Nº 12/2009, publicado no D.O.U. de 26/08/2009, com provimento autorizado pela Portaria nº 150 do Ministério da Educação, publicada no DOU de 10 de fevereiro de 2010, para o cargo de Professor Assistente, Padrão 2, em regime de trabalho T-40 com dedicação exclusiva código de vaga nº 0874520

Nº 386 - Nomear FRANCISCLEUDO BEZERRA DA COSTA, em virtude de habilitação em concurso público instituído pelo Edital/CCTA Nº 07/2009, com resultado homologado através do Edital/CCTA Nº 12/2009, publicado no D.O.U. de 26/08/2009, com provimento autorizado pela Portaria nº 150 do Ministério da Educação, publicada no DOU de 10 de fevereiro de 2010, para o cargo de Professor Adjunto, Padrão 1, em regime de trabalho T-40 com dedicação exclusiva código de vaga nº 0874522

Nº 387 - Nomear FERNANDA FERNANDES DE MELO LOPES, em virtude de habilitação em concurso público instituído pelo Edital/CCTA Nº 07/2009, com resultado homologado através do Edital/CCTA Nº 12/2009, publicado no D.O.U. de 26/08/2009, com provimento autorizado pela Portaria nº 150 do Ministério de Educação, publicada no DOU de 10 de fevereiro de 2010, para o cargo de Professor Assistente, Padrão I, em regime de trabalho T-40 com dedicação exclusiva código de vaga nº 0874523

Art. 2º - Estas portarias entram em vigor na data de sua publicação.

Nº 707 - Autorizar o afastamento do País a Tânia Maria de Lima Soares, Matrícula nº 1702630/SIAPE, Professor Adjunto, lotada no Instituto de Informática para participar de conferência no IEEE-ICIT 2010 CHILE - International Conference on Industrial Tecnology, na cidade de Viña del Mar/Chile, no período de 14 a 18/03/2010, com ônus limitado para a Universidade Federal de Goiás, de acordo com o art. 1º, inciso II, do Decreto nº 91.800/85 e art. 1º do Decreto nº 1.387/95, alterado pelo Decreto nº 1.546/95. (Processo nº 23070.002069/2010-20);

Nº 708 - Autorizar o afastamento do País a Sônia Maria Rodrigues Raymundo, Matrícula nº 1387647/SIAPE, Professora Associada, lotada na Escola de Música e Artes Cênicas, para realizar Estágio de Residência Artística no Instituto Banff, como convidada a ministrar masterclasses e apresentar um recital, a serem realizados nas cidades de Banff e Quebec Canadá, no período de 18 a 28/05/2010, com ônus limitado para a Universidade Federal de Goiás, de acordo com o art. 1º, inciso II, do Decreto nº 91.800/85 e art. 1º do Decreto nº 1.387/95, alterado pelo Decreto nº 1.546/95. (Processo nº 23070.001593/2010-16);

EDWARD MADUREIRA BRASIL

O Vice-Reitor da UFG, no exercício da Reitoria, usando da competência delegada pela Portaria nº 2358, do Magnífico Reitor, de 12/09/2008, resolve:

Nº 712 - Rescindir, a pedido, o contrato de Flávio Vecchi Barbosa Júnior, Matrícula nº 2320383/SIAPE, Professor Substituto, em regime de trabalho de vinte horas semanais, lotado na Faculdade de Medicina, tornando a medida efetiva a contar de 01/03/2010. (Processo nº 23070.001701/2010-10);

Nº 719 - Rescindir, a pedido, o contrato de Celina Laureano Pereira Costa, Matrícula nº 1660340/SIAPE, Professor Substituto, em regime

3.8 - Publicação da nomeação no concurso.

Iniciamos nossas atividades na UFCG em 2010, com novos desafios e perspectivas no campo profissional; e com o nascimento de Sarah Jéssica (2011) e Xisto Daniel (2015) no campo pessoal. Se a participação de Priscila havia lapidado um pouco os meus princípios, a vinda de Sarah e Daniel para a nossa vida foi fundamental para o meu amadurecimento pessoal e profissional (Figuras 3.9 a 3.11).



3.9



3.10



3.11

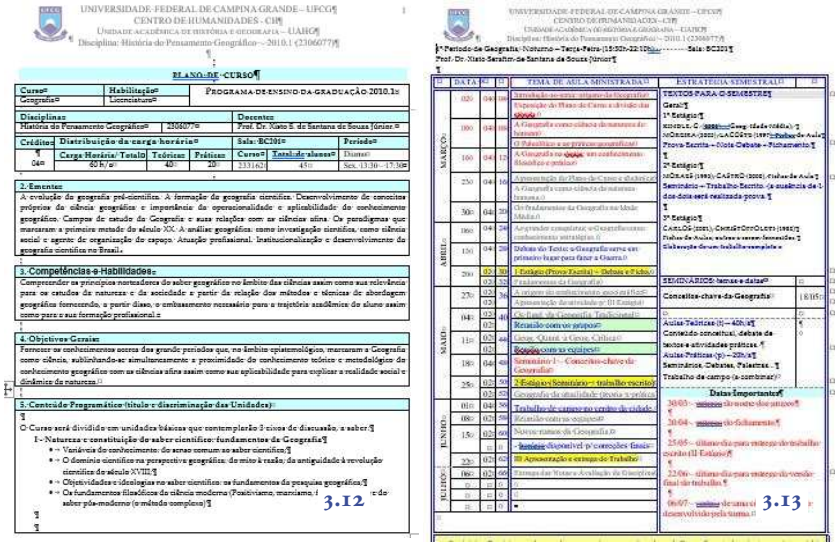
3.9 - Participação no projeto Harmonize; **3.10 e 3.11** - Fotos de Sarah e Daniel com dois anos de idade.

Atuação no ensino de graduação e pós-graduação: formação acadêmica e orientação

Iniciei minha trajetória acadêmica na UFCG convicto de que, finalmente, teria a possibilidade de desenvolver atividades que eram inviáveis na FIP, especialmente no que se referia à pesquisa e à extensão. No entanto, foi em sala de aula que tive a primeira oportunidade de cumprir o compromisso de oferecer aos estudantes um conhecimento que combinasse rigor científico e uma abordagem prática, voltada à resolução de problemas concretos enfrentados pela sociedade.

Apesar das experiências anteriores em sala de aula (de 2001 a 2004, 2006 e 2009), o primeiro dia de aula na UFCG, em 02 de mar-

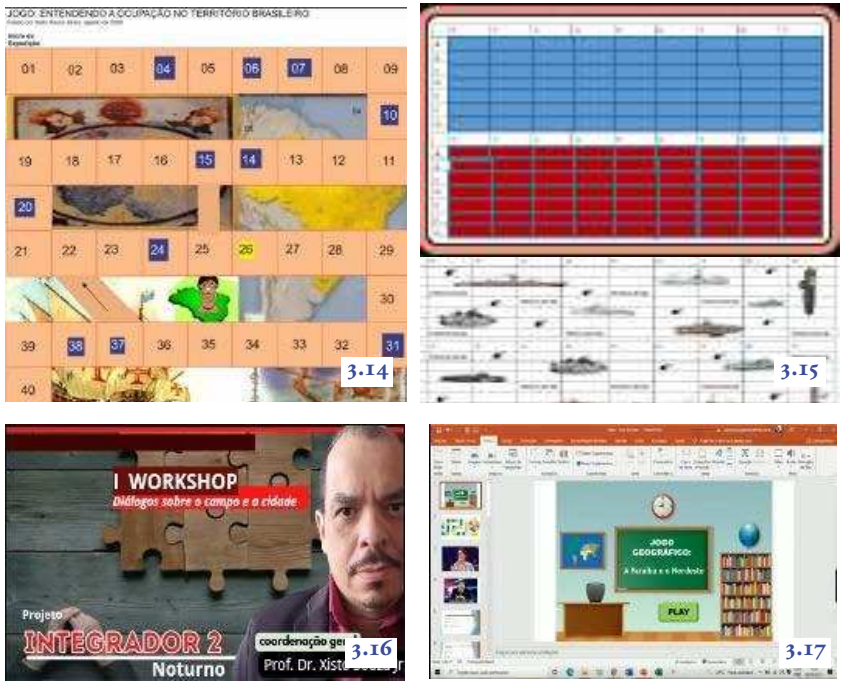
ço de 2010, foi marcado por um "frio na barriga", em parte por se tratar de uma universidade federal e, em parte, porque as atividades iniciais não seriam destinadas apenas ao curso de Geografia, mas também aos cursos de Ciências Sociais e História. Como suporte, recorri aos procedimentos adotados na FIP, especialmente no que dizia respeito ao planejamento das aulas e à elaboração dos planos de curso (Figuras 3.12 a 3.13).



3.12 e 3.13 – No primeiro dia de aula, desde o início da minha trajetória docente, apresento sempre a seguinte estrutura: plano de curso e conteúdo programático.

O fato é que, desde 2010, diversas transformações vêm ocorrendo na graduação da UFCG, intensificadas especialmente no período pós-pandemia da Covid-19. As aulas expositivas, com duração aproximada de duas horas, vêm sendo gradativamente substituídas por abordagens mais objetivas, dinâmicas e aplicadas. A crescente acessibilidade à informação por meio das plataformas digitais exigiu atualização constante e maior capacidade de problematização dos eventos analisados. As inteligências artificiais, a evasão acadêmica associada à redução das perspectivas de inserção no mercado de trabalho e a aceleração dos ritmos sociais, entre outros fatores, têm se configurado como novos desafios à formação acadêmica dos graduandos.

Esse contexto levou-me a promover mudanças nas aulas ministradas, uma vez que, a cada ano, o próprio perfil discente — embora situado em faixas etárias semelhantes — também se transformou. Tornou-se evidente, portanto, a necessidade de realizar adequações metodológicas contínuas, capazes de dialogar com essas mudanças e atender de maneira mais eficaz às demandas formativas dos estudantes (Figuras 3.14 a 3.17).



3.14 a 3.17 - *Prints* de algumas atividades desenvolvidas com adequações metodológicas, baseadas em jogos, maquetes didáticas e eventos.

Entre as adequações metodológicas, destaco: na disciplina História do Pensamento Geográfico, realizei uma atividade de expressão teatral,

com representação de teóricos da Geografia; em Fundamentos para o Estudo da Geografia Urbana, usei o jogo *SimCity*, no qual os discentes atuaram como tomadores de decisão. Em Região e Regionalização, desenvolvi um júri simulado, "colocando a região no banco dos réus", conforme a abordagem de Rogério Haesbaert. Em Geografia Regional do Brasil, trabalhei expressões culturais (músicas, cordéis e gastronomia) como elementos da identidade regional ou identificação de situações-problemas, bem como formas de solucioná-las enquanto geógrafos.

Em Geografia do Turismo, os estudantes produziram vídeos documentários a partir de atividades de campo, resultando na submissão e aprovação em edital universal. Na disciplina Projeto Integrador, organizou-se um minievento científico on-line, com coordenação de *lives* e elaboração de jogos pedagógicos, apresentados posteriormente em mostra no Bloco BG, da UFCG.

As disciplinas mais frequentemente ministradas foram Geografia Regional do Brasil (46 ofertas), Formação Territorial do Brasil (43), Região e Regionalização (41) e Geografia do Turismo (28). Outras disciplinas foram ofertadas pontualmente: Projeto Integrador (4), Projeto de Pesquisa (2), Geografia Urbana e Problemas Urbanos (2) e Geografia Regional do Mundo (2).

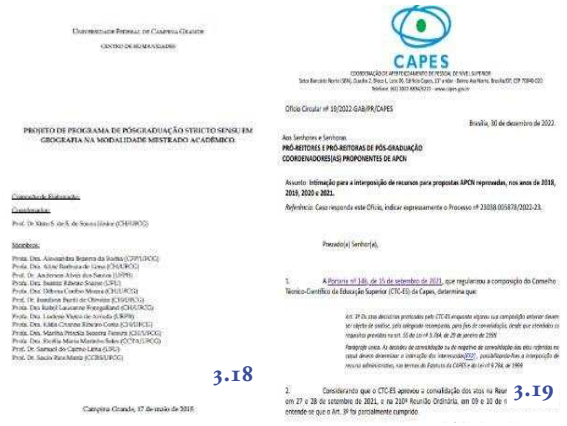
Gráfico 1 - Ranking de disciplinas ministradas



Apesar do aprofundamento teórico-metodológico, não obtive ingresso em programas de pós-graduação na área. Tentei credenciamento na UFPB (2012) e aguardei convites em programas com os quais colaborei (UFPE e UNESP), sem êxito.

Em 2018, cumprindo o compromisso assumido na apresentação do Plano de Trabalho no concurso para docente (Apêndice 1), coordenei uma equipe de docentes com o objetivo de submeter uma proposta de mestrado acadêmico. Embora não se tratasse de uma posição unânime no âmbito da Unidade Acadêmica de Geografia (UAG), a proposta foi encaminhada, mas, infelizmente, não obteve o êxito esperado. Em parte, tal resultado esteve associado a uma conjuntura política desfavorável à aprovação de novos programas de pós-graduação, uma vez que se iniciavam os primeiros anos do governo Bolsonaro.

Em 2022, após o processo eleitoral e a vitória do presidente Lula, recebemos um comunicado da CAPES solicitando ajustes na proposta, com vistas à sua eventual aprovação. No entanto, naquele momento, a Unidade Acadêmica já havia definido outros encaminhamentos, optando pela aprovação de um mestrado profissional em rede, do qual não tive nem tenho interesse em participar, por entender que a modalidade de mestrado acadêmico permanece como a mais adequada às especificidades da área de Geografia (Figuras 3.18 e 3.19).



3.18 - Equipe multidisciplinar responsável pela elaboração da proposta de mestrado acadêmico; **3.19** - Ofício Circular da CEPES solicitando o reenvio da proposta.

Encontrei, contudo, acolhida no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), no qual já havia cultivado vínculos acadêmicos desde quando iniciamos as atividades na UFCG. O vínculo ao Progra-

ma influenciou o redirecionamento das pesquisas quanto à escolha de temas relacionados a turismo, cultura e cidades. Tenho aprendido muito com os colegas do PPGH, entre os quais destaco Severino Cabral, João Otávio, Antônio Clarindo, Juciene Ricarte, Iranilson Buriti e Rosilene Montenegro.

Desde o início das atividades no Programa, lecionei duas disciplinas: Metodologia da Pesquisa em História (2020) e Pesquisa Qualitativa Aplicada às Ciências Humanas e Sociais (2019, 2022, 2023 e 2024). Por se tratar de um curso de mestrado, os debates estabelecidos foram particularmente profícuos para minha qualificação profissional.

Além das atividades em sala de aula, tanto na graduação quanto na pós-graduação, desenvolvi ações de orientação acadêmica e participei de bancas de qualificação e de conclusão de cursos. Ademais, a criação de um Grupo de Estudos, vinculado à grupo de pesquisa, proporcionou espaços complementares de troca de experiências entre graduandos e pós-graduandos (Figuras 3.20 e 3.21).

Quadro 1 - Orientações e bancas

Nível	TCC	IC/IT	Extensão	Monitoria	Mestrado	
					Qualificação	Trabalho final
Orientações	18	41	05	07	03	06
Bancas	20	-	-	-	01	05



3.20



3.21

3.20 - O Grupo de Estudos Produção do Espaço Urbano foi criado como atividade do Grupo de Pesquisas GIDs. Além de leituras e debate de textos, as reuniões tinham pautas complementares, tais como Cine Pipoca **(a)** e reunião de planejamento **(b).**

Entre os temas abordados nas orientações de trabalhos de conclusão de curso (TCC), destacaram-se a violência urbana (5 trabalhos), a produção do espaço urbano (4) e o espaço turístico (4). A temática da violência emergiu a partir de uma curiosidade inicial diante da imagem da cidade apresentada pelos estudantes no primeiro dia de aula. Como é apresentado adiante, esse tema resultou na conquista de uma premiação de alcance nacional (Jovem Cientista). Já a temática do turismo consolidou-se como a quarta disciplina mais ministrada ao longo dos últimos 14 anos, fator que contribuiu para a aprovação de dois projetos em editais universais.

Outra atividade relevante no âmbito da docência foi a orientação de estudantes em programas de monitoria, desenvolvida com maior intensidade até 2020, período anterior à pandemia, e reduzida nos anos mais recentes em função da reestruturação da disciplina, decorrente da aprovação do novo Projeto Pedagógico do Curso (PPC).

No que se refere à docência, o maior desafio — e, ao mesmo tempo, um dos momentos mais significativos — ocorreu durante a pandemia de Covid-19. Assim como em outros contextos institucionais, a adoção do ensino remoto exigiu a busca por novas qualificações para a prática docente (Figuras 3.22 e 3.23). A realização de cursos de capacitação voltados ao uso de mídias digitais, especialmente no ambiente Moodle, e o início do registro sistemático de aulas em vídeo possibilitaram a criação de canais no YouTube, o investimento em plataformas digitais e a constituição de ambientes virtuais de aprendizagem por meio do projeto Geoconexões Online, conforme é apresentado no último giro.



3.22



3.23

3.22 e 3.23 – Cursos realizados para aperfeiçoamento durante a pandemia

Trajetória de Pesquisa, Grupos e Produção de Conhecimento

Ao ingressar na UFCG, estabeleci como meta prioritária a criação de um grupo de pesquisa, prevista em meu Plano de Trabalho (Apêndice 1) e construída a partir da experiência acumulada na FIP. Após minha nomeação, em março de 2010, iniciei a criação do Grupo de Pesquisas Integradas em Desenvolvimento Socioterritorial (GIDS), concebido como um coletivo voltado à revisão metodológica contínua e à incorporação de tecnologias nas atividades de pesquisa.

As pesquisas desenvolvidas no âmbito do grupo decorreram diretamente dos resultados obtidos na iniciação científica, amplamente utilizados pela gestão municipal, especialmente pelo caráter inovador do aplicativo e do roteiro propostos. Nesse contexto, a pesquisa desenvolvida por Yury Araujo de Lima representou um marco inicial para a consolidação de uma Geografia aplicada.

Entre as orientações de iniciação científica, destaca-se o trabalho de Sâmara Santos (2010/2011). A pesquisa de Sâmara obteve a **terceira colocação no Prêmio Jovem Cientista**, na categoria Estudante de Ensino Superior, sendo a **primeira premiação nacional conquistada pela UFCG** e por um curso de Geografia no país.

O primeiro ano de atividades do grupo foi marcado por dificuldades estruturais, sobretudo pela ausência de uma sala adequada para reuniões. À época, o GIDS era composto por quatro docentes e oito estudantes, e eu compartilhava sala com outros sete professores, nem todos vinculados ao grupo (Figuras 3.24 e 3.25).


3.24


3.25

3.24 e 3.25 - Sala dos professores no Bloco BH. Eu dividia a mesa com mais 3 colegas, dentro de uma sala com menos de 2 x 2 metros. Apesar disso, o local era bem receptivo, especialmente nas datas comemorativas.

A situação apresentou melhora no final de 2012 e início de 2013, quando o Centro de Humanidades, sob a direção do professor Luciênio Teixeira, concedeu uma sala para o funcionamento dos grupos de pesquisa GIDS e Pro-Saúde Geo. Tratava-se de um ambiente composto por três compartimentos — leitura, reuniões e pesquisa —, equipado com computadores, impressoras, livros, entre outros recursos, suficientes para viabilizar a organização da primeira grande proposta de pesquisa do grupo (Figuras 3.26 a 3.31).

Essa proposta foi contemplada no Edital Universal do CNPq (2013-2017), com o projeto intitulado O conhecimento geográfico na promoção do turismo como alternativa de desenvolvimento para o Estado da Paraíba.


3.26


3.27


3.28


3.29


3.30


3.31

3.26 – Primeira confraternização do grupo; **3.27 -** Edifício no qual o grupo iniciou suas atividades; **3.28 e 3.29 -** Espaço interno do grupo; **3.30 -** Equipe do GIDs de 2013; **3.31 -** Reunião de planejamento para a proposta do projeto de turismo.

Foi aprovado o recurso de R$ 30.000 para o desenvolvimento da pesquisa (21.802,36 para custeio e 8.197,64 para capital), a qual contou com a participação de seis professores da UAG. A primeira atividade teve a participação da maioria dos docentes: Xisto Serafim de Santana de Souza júnior, Martha Priscila Bezerra Pereira, Sérgio Luiz Malta de Azevedo, Janaina Barbosa da Silva, Débora Coelho Moura e Aline Barboza de Lima.

Além das publicações realizadas pelos participantes, a pesquisa resultou na publicação de dois artigos, um livro e sete capítulos de livro[6], além de um vídeo documentário[7] e do portal Observatório de Campina Grande[8], criado para manter atualizações dos espaços turísticos na cidade de Campina Grande.

Em 2018, aprovamos o segundo projeto no Edital Universal do CNPq *(*Uma contribuição geográfica para consolidação do turismo como alternativa de desenvolvimento da região geográfica de Campina Grande). O projeto contou com a colaboração de cinco pesquisadores (Martha Pereira, Aline Lima, Anderson Santos, Iranilson Oliveira e Ricélia Sales). Foi disponibilizado o montante de R$ 27.300,00 para o desenvolvimento das atividades entre 2019-2021, aplicando técnicas de pesquisa qualitativa. Durante a pesquisa, além de diversas orientações de iniciação científica, iniciação tecnológica e trabalhos de conclusão de curso (TCC), publicamos um capítulo de livro e dois artigos científicos.

Apesar dos prejuízos decorrentes da pandemia de Covid-19, que levaram a equipe a propor uma reestruturação dos procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, obtivemos resultados importantes, entre os quais destacam-se: a formação de uma proposta de roteiro para a cidade de Campina Grande e região intermediária; a criação do periódico *Geoconexões Online*[9]*;* e a organização da primeira e terceira edição do Congresso Regional de Grupos de Pesquisas em Geografia[10].

A pesquisa possibilitou ainda a aprovação da primeira patente (Figuras 3.32 e 3.33) aprovada pelo Grupo GIDS (2021), em parceria com o Grupo de Pesquisas em Geografia para a Promoção da Saúde (Pró-Saúde GEO), liderado pela Profa. Dra. Martha Priscila Bezerra Pereira: BR 51 2021 000320 9 - Realidade Aumentada como Ferramenta de Espacialização do Turismo em Campina Grande (https://www.smartcity.geoconexoes.com/).



3.32 e 3.33 - Primeira patente aprovada pelo Grupo de Pesquisas GIDs como resultado da pesquisa. A proposta tem potencial de aplicabilidade desde que seja realizada uma parceria com a gestão municipal.

[6]. *O Conhecimento Geográfico na Promoção do Turismo como Alternativa de Desenvolvimento do Estado da Paraíba: leituras interdisciplinares*. Disponível em: https://livros.editora.ufcg.edu.br/index.php/edufcg/catalog/book/187.

[7]. https://livros.editora.ufcg.edu.br/index.php/edufcg/catalog/book/187. *O Conhecimento Geográfico na Promoção do Turismo.* Disponível em: https://youtu.be/uGMrZiTFMcs.

[8]. Disponível em: https://observatoriodecampina.com/.

[9]. Disponível em https://geoconexoesonline.com/revista.

[10]. Disponível em https://crepesg.com.br/.

Ao final de 2023, submetemos uma nova proposta de patente, intitulada Geotecnologia aplicada à identificação de situações de risco na atividade prática do ACS (BR 10 2024 005801 1). Segundo informações do NITT, a solicitação encontra-se em fase de análise, com expectativa de aprovação e publicação junto ao INPI no primeiro semestre de 2026.

Nos anos seguintes, em razão da pandemia, as atividades passaram a ocorrer predominantemente em ambientes virtuais. No âmbito da pesquisa, estreitamos vínculos com redes de investigação em Geografia voltadas à promoção da saúde, entre as quais se destaca a Força-Tarefa de Geógrafos, coordenada pelo Prof. Dr. Raul Borges Guimarães (UNESP/PP). As contribuições estiveram relacionadas, prioritariamente, às atividades de extensão e à inovação tecnológica, conforme está apresentado a seguir.

Nos anos de 2024 e 2025, participei das atividades do projeto Harmonize, iniciativa de inovação voltada ao desenvolvimento de tecnologias para a vigilância de agravos e a promoção da saúde em regiões vulneráveis a eventos climáticos extremos. As ações foram desenvolvidas no município de Patos-PB, área representativa do bioma Semiárido brasileiro.

Em 2024, atuei em atividades de campo pelo projeto Harmonize (Figuras 3.34 e 3.35), com destaque para a captura de imagens por drones, a coleta de informações ambientais e o apoio ao levantamento de dados da paisagem, contribuindo para a compreensão das relações entre mudanças ambientais, clima e risco de doenças. Em 2025, participei de palestras e oficinas de capacitação voltadas à formação técnica e à disseminação de conhecimentos sobre vigilância em saúde, ciência de dados e uso de tecnologias de baixo custo aplicadas a contextos territoriais vulneráveis.



3.34 e 3.35 – Participação no Projeto Harmonize.

O projeto Harmonize[11] é apoiado pelo **Wellcome Trust** e desenvolvido no Brasil pelo Observatório de Clima e Saúde (Fiocruz), em parceria com o Programa de Computação Científica (Fiocruz) e o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), integrando um consórcio internacional coordenado pelo Barcelona Supercomputing Center (BSC). A iniciativa busca suprir lacunas na produção de evidências em pequena escala sobre os impactos de eventos climáticos extremos na saúde, reunindo dados climáticos, ambientais, socioeconômicos e de saúde em uma plataforma digital reproduzível, além de coletar dados longitudinais por meio de drones e sensores climáticos de baixo custo.

Minha participação no Harmonize contribuiu para o fortalecimento da articulação entre pesquisa científica, inovação tecnológica, análise territorial e formação de recursos humanos, ampliando minha atuação em projetos interdisciplinares voltados à adaptação climática e à resiliência em saúde.

[11]. Disponível em: https://harmonizebrazil.wixsite.com/harmonizebrazil/blank.

Extensão universitária e interlocução com a sociedade (2010-atual)

As experiências com atividades de extensão desenvolvidas desde o ingresso na UFCG (2010) podem ser organizadas em três grandes momentos, que expressam a ampliação progressiva do alcance social, dos públicos envolvidos e das linguagens de comunicação científica adotadas: base escolar, extensão digital e extensão midiática.

Extensão de base escolar e difusão institucional (2011-2019)

O primeiro momento caracteriza-se por ações extensionistas realizadas prioritariamente em escolas da Educação Básica, com foco na divulgação do curso, no estímulo ao interesse científico e na aproximação da universidade com o Ensino Médio. Essas atividades desempenharam papel fundamental na consolidação da presença institucional da universidade no território, fortalecendo o diálogo com a comunidade escolar e contribuindo para a orientação vocacional, a popularização do conhecimento geográfico e a construção inicial de práticas extensionistas sistemáticas.

Destacam-se, nesse contexto, dois projetos do GEOINTER: Geografia, Intercâmbio e Treinamento (2012) e Maquetes e Relevo como Recurso Pedagógico (2018). O primeiro esteve voltado à divulgação do curso de Geografia nas escolas, enquanto o segundo teve como foco a elaboração de maquetes passíveis de utilização por professores e estudantes como recurso didático (Figuras 3.36 e 3.37). Assim como ocorrido na FIP e na graduação, o projeto serviu de incentivo para que os estudantes optassem pela Geografia, reduzindo, neste período, o processo de evasão.



3.36 - Atividades de divulgação do GEOINTER em escolas da Educação Básica; **3.37 -** Fôlder explicativo do processo de elaboração de maquetes de relevo

Extensão digital e mediação educacional

O segundo momento corresponde à transição das práticas extensionistas para formatos mediados por tecnologias digitais, processo intensificado a partir das restrições impostas pela pandemia de Covid-19. Nesse contexto, passaram a ser utilizados ambientes virtuais de aprendizagem, como o Moodle[12], além da organização sistemática de *lives*, *webinários* e atividades formativas on-line, veiculadas por meio do canal do GIDS[13] no YouTube .

Essa reconfiguração representou um avanço metodológico significativo, ao permitir a continuidade das ações extensionistas em

[12]. Disponível em: https://ead.geoconexoes.com..

[13]. Disponível em: https://www.youtube.com/@canalgidstv.

um cenário de distanciamento social, ampliar o alcance territorial das atividades para além do espaço físico da universidade e favorecer novas formas de interação entre docentes, discentes e público externo. Ademais, possibilitou a consolidação de estratégias de formação continuada e de difusão do conhecimento científico, fortalecendo o papel da extensão universitária como eixo articulador entre ensino, pesquisa e sociedade

Extensão midiática e comunicação pública da ciência (2021-atual)

O terceiro momento da trajetória extensionista caracteriza-se pela consolidação e ampliação de ações voltadas à sociedade em geral, materializadas por meio de canais públicos no YouTube, com destaque para *A Terra & seus Sinais*[14], que conta atualmente com quase 16 mil inscritos; e para o canal *A Ágora da Geopolítica*[15], com cerca de 1.300 inscritos.

Essas iniciativas passaram a reunir um público diversificado, oriundo de diferentes regiões do Brasil e do exterior, ampliando significativamente o alcance social, territorial e formativo das atividades extensionistas desenvolvidas. A experiência acumulada nesse período favoreceu uma reaproximação qualificada com a Geografia Física, ao mesmo tempo em que contribuiu para a consolidação e o aprofundamento dos debates no campo da Geografia Política, fortalecendo a articulação entre produção de conhecimento, divulgação científica e compromisso social da universidade.

Neste estágio, a extensão assumiu, portanto, um papel estratégico na comunicação pública da ciência, articulando divulgação científica, análise crítica de fenômenos naturais e geopolíticos e formação cidadã. As ações passaram a alcançar públicos amplos e diversificados, reforçando o compromisso social da universidade e ampliando seu impacto para além dos limites institucionais.

Os três momentos evidenciam uma trajetória extensionista contínua, adaptativa e socialmente comprometida, que evolui da difusão institucional em escala local à comunicação científica em larga escala. Essa progressão revela a capacidade de adequação às transformações tecnológicas e às demandas sociais contemporâneas, reafirmando a extensão como eixo estruturante da formação acadêmica, da produção de conhecimento socialmente referenciado e do fortalecimento do papel público da universidade.

Experiências administrativas e gestão acadêmica em diferentes escalas

Apesar de ter atuado por um ano como coordenador do curso de Geografia das Faculdades Integradas de Patos, no período de 2009 a 2010, presidindo tanto o Colegiado de Curso quanto o Núcleo Docente Estruturante, não tive, na Unidade Acadêmica de Geografia da UFCG, as mesmas oportunidades de vivenciar, de forma contínua, funções administrativas de gestão acadêmica.

As experiências administrativas na UFCG concentraram-se, sobretudo, no primeiro ano de vínculo institucional, em 2010, quando atuei como coordenador de Pesquisa e Extensão, membro do Colegiado de Curso e integrante de comissões de seleção de novos docentes, além de participar da comissão responsável pela criação da Unidade Acadêmica de Geografia. Após a formalização da UAG, minha atuação administrativa no âmbito da Unidade passou a ocorrer de forma mais pontual, restrita principalmente à participação em comissões específicas, como a de progressão funcional docente, a de formação do

[14]. Disponível em: https://www.youtube.com/@terraeseussinais.

[15]. Disponível em: https://www.youtube.com/@agoradageopolitica.

PET de Geografia e a de elaboração da proposta de criação do curso de mestrado.

Esse contexto contribuiu para que eu buscasse novos espaços de atuação institucional. Em junho de 2011, submeti meu nome para a representação docente no Colegiado Pleno da UFCG, para o biênio 2011-2013. Embora na condição de suplente, participei ativamente das reuniões, o que me permitiu ampliar a compreensão sobre a dinâmica decisória, administrativa e política da universidade.

Em 2012, fui indicado para integrar, na condição de conselheiro, o Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Alcides Carneiro (CEPHUAC). A experiência de trabalho coletivo com docentes de diferentes áreas do conhecimento, bem como o aprofundamento nos fundamentos éticos da pesquisa científica, representaram um importante momento de amadurecimento profissional.

Ainda em 2012, fui nomeado para atuar como assessor de Pesquisa e Extensão do Centro de Humanidades e como membro do Comitê Interno de Pesquisa, função esta mantida até 2019. Enquanto membro deste Comitê, tive a oportunidade de compreender um pouco mais sobre a gestão universitária. Contudo, o diferencial mesmo foi a possibilidade de poder participar da avaliação dos PIBICs e PVICs[16], ao lado da querida professora Rosa Ester Rossini. Foram momentos de grandes aprendizados! Aprendi técnicas de análise de projetos e de estruturação de pesquisas. Aprendi a elaborar um bom projeto técnico, cujo resultado foi a aprovação em dois editais universais.

A assessoria, por sua vez, possibilitou-me estreitamento do diálogo institucional com os coordenadores de pesquisa das Unidades Acadêmicas do CH. Nesse contexto, fui responsável pela coordenação da XII Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão do Centro de Humanidades, realizada em 2013, bem como pela coordenação dos processos de avaliação de projetos de Iniciação Científica, contribuindo diretamente para o fortalecimento das atividades de pesquisa e extensão no âmbito deste Centro.

Em 2013, atendendo a convite, fui nomeado sócio efetivo do Instituto Histórico de Campina Grande (IHCG), ocupando a cadeira nº 39, cujo patrono é Moacyr Germano Brasil (Figuras 3.38 e 3.29).





3.38 - Declaração de sócio permanente do IHCG; **3.39** - Doação de livros à Biblioteca do IHCG.

Além de estreitar laços com historiadores vinculados ao PPGH, o IHCG influenciou diversas decisões tomadas desde então, especialmente no que se refere ao desenvolvimento de pesquisas sobre patrimônio cultural e produção do espaço turístico. Neste mesmo ano, organizei o I Encontro de Grupos de Pesquisa em Geografia, realizado em Campina Grande, evento que congregou, ao menos, 30 grupos de pesquisa.

Em 2015, participei do Encontro da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), no qual foram debatidos, entre outros temas, os fundamentos da ética na pesquisa nas Ciências Humanas

[16]. PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica; PIVIC - Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica.

e Sociais. Permaneci como conselheiro do CEP até 2018, retornando posteriormente para mais duas gestões consecutivas, no período de 2019 a 2023.

O ano de 2017 foi marcado pelas contribuições à gestão municipal, participando ativamente do movimento Campina Cresce com Você, iniciativa da Câmara de Dirigentes Lojistas de Campina Grande (CDL), colaborando com sugestões para melhoria da mobilidade urbana.

Em 2018, retornei ao Colegiado Pleno da UFCG, em um contexto marcado por profundas transformações e incertezas no cenário político nacional, decorrentes da eleição presidencial daquele ano. Já em 2019, participei da organização do II Congresso Regional de Grupos de Pesquisas em Geografia (II CREPESG), realizado na UEPB de Guarabira-PB (Figuras 3.40 e 3.41).



3.40



3.41

3.40 - A proposta do CREPESG é promover a integração dos grupos de pesquisas. O evento de 2019 contou com importantes participações: Eliseu Sposito, Rosa Ester Rossini e Edvânia Gomes do Grupo NEXUS; **3.41 -** A ideia do logo é proporcionar esta integração

Em 2020, fui reconduzido ao Pleno e passei a integrar a Comissão Eleitoral responsável pela condução do processo de escolha de reitor e/ou reitora da UFCG.

O ano de 2021 foi marcado por fortes mudanças. A rápida propagação da Covid-19, a instabilidade política no país decorrente do primeiro ano da triste era Bolsonaro, as incertezas da gestão universitária, com reitores eleitos não sendo nomeados, o início das aulas remotas, estão entre os eventos que marcaram este período. Iniciei, neste momento, novos rumos de atuação profissional com a criação de um canal no YouTube (*GIDsTV*), voltado para promoção de palestras on-line, acessível para a toda a sociedade.

A facilidade em lidar com os recursos midiáticos resultaram no convite para integrar a UFCG Virtual e participar como conselheiro da Coordenação de Ensino a Distância (CEAD), apoiando na divulgação do PVAE e na elaboração de vídeos tutoriais para elaboração de aulas e uso da plataforma Moodle. Tal participação contribuiu significativamente para a ampliação de minha experiência na área de gestão acadêmica e educacional, especialmente em contextos interinstitucionais.

No final de 2021, criei o segundo canal no Youtube: *A Terra & seus Sinais,* o qual, conforme descrevo no próximo giro caleidoscópico, me possibilitou revisitar a Geografia Física.

Entre 2021 e 2023, retornei ao Conselho do CEPHUAC e ingressei como representante da UFCG junto ao Conselho Municipal de Turismo. No mesmo período, criei a revista *Geoconexões Online*[17], da qual me tornei gerente/editor e líder da seção Produção do espaço. Esta experiência foi igualmente relevante para o quarto giro caleidoscópico. Ainda neste período, participei de processos seletivos para o Mestrado em História, atuando como presidente da Comissão de Avaliação; e coordenei o I Encontro de Editores de Periódicos Científicos (ENEPEC), evento realizado de forma on-line que congregou mais de 50 editores de periódicos científicos em diferentes áreas[18].

Em 2024, assumi a Vice-Coordenação do Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Alcides Carneiro (CEPHUAC) e, no início de 2025, passei a exercer a Coordenação do Comitê. Na condição de coordenador, fui responsável pela organização do I En-

[17]. Disponível em: https://geoconexoesonline.com/revista.

[18]. Disponível em: https://www.even3.com.br/enepec2023-327428/.

contro Regional de Comitês de Ética em Pesquisa (I ERECEP)[19], evento que reuniu aproximadamente 200 coordenadores, pesquisadores e docentes vinculados aos Comitês de Ética em Pesquisa da Região Nordeste, fortalecendo o diálogo interinstitucional e a articulação regional em torno das práticas e dos fundamentos éticos da pesquisa científica. No final de 2024, criei o terceiro canal no YouTube (*A Ágora da Geopolítica*), voltado para debater a geopolítica mundial e os temas que envolvem a geografia política do Brasil.

O ano de 2025 pode ser caracterizado como o ano em que tive a oportunidade de exercer, de forma efetiva, uma função administrativa. Além da coordenação do CEPHUAC, da recondução ao Conselho Municipal de Turismo e da indicação para compor o Colegiado do PPGH, obtive a nomeação para atuar como conselheiro da Comissão Permanente de Pessoal Docente (CPPD) da Universidade Federal de Campina Grande, coordenar a Coordenação de Educação a Distância (CEAD) e assumir a coordenação da Universidade Aberta do Brasil no âmbito da UFCG (UAB/UFCG). A indicação para esses cargos serviu-me como elemento motivador para a solicitação da promoção a titular, por me fazer sentir mais confiante.

A experiência na CPPD proporcionou a oportunidade de conhecer melhor os procedimentos de gestão administrativa para fundamentar os processos de avaliação funcional para progressão e promoção funcional. Na coordenação da CEAD, enquanto função gratificada, tive a oportunidade de iniciar um projeto voltado para a reestruturação do ensino a distância na UFCG, em conformidade com as novas diretrizes do Ministério da Educação. Já na coordenação da UAB, iniciei o processo de reestruturação dos cursos *lato sensu* de ensino a distância e o início da consolidação das atividades semipresenciais e em EAD nos cursos de graduação da UFCG.

[19]. Disponível em: https://www.cepsnordeste.com/.

Produção intelectual: consolidação, impacto e circulação do conhecimento

As experiências de ensino, pesquisa e extensão foram materializadas em forma de artigos, livros, capítulos de livros e trabalhos completos apresentados em eventos científicos.

Artigos científicos publicados em periódicos

Ao longo da minha trajetória, entre 2000 e 2024, publiquei 23 artigos científicos, o que evidencia uma trajetória acadêmica contínua, coerente e consolidada no âmbito da Geografia Humana, com ênfase na Geografia Urbana, na Geografia do Turismo e na Geografia da Saúde. No recorte temporal mais recente (2020-2024), destaca-se a intensificação das publicações em periódicos científicos, incluindo revistas especializadas como *Acta Geográfica*, *Hygeia*, *Ariús*, *Aracê* e *Formação;* bem como a diversificação de formatos, com a incorporação de produtos digitais como estratégia de divulgação científica, evidenciando atualização metodológica e sintonia com novas formas de produção e circulação do conhecimento.

Do ponto de vista quantitativo, observa-se regularidade nas publicações ao longo de mais de duas décadas, com intensificação a partir de 2020, o que indica maturidade acadêmica e inserção constante no debate científico.

Sob o aspecto qualitativo, a produção organiza-se em três eixos articulados: produção e apropriação do espaço urbano; turismo e desenvolvimento territorial; e saúde, território e práticas sociais. Os estudos sobre violência urbana e direito à cidade, com destaque para Campina Grande, combinam dados oficiais e interpretação crítica, revelando domínio da abordagem quantiqualitativa e aprofundamento teórico-metodológico. Mesmo diante da redução recente dos índices

de violência, os trabalhos evidenciam a permanência da percepção de insegurança e seus impactos na segregação socioespacial.

No campo do turismo, as pesquisas demonstram continuidade temática desde 2005, com uso sistemático de trabalho de campo, inventários e entrevistas, além de articulação com pesquisas financiadas por agências de fomento. Os resultados apontam a interiorização do turismo no estado da Paraíba, contribuindo para o debate sobre planejamento territorial e desenvolvimento regional.

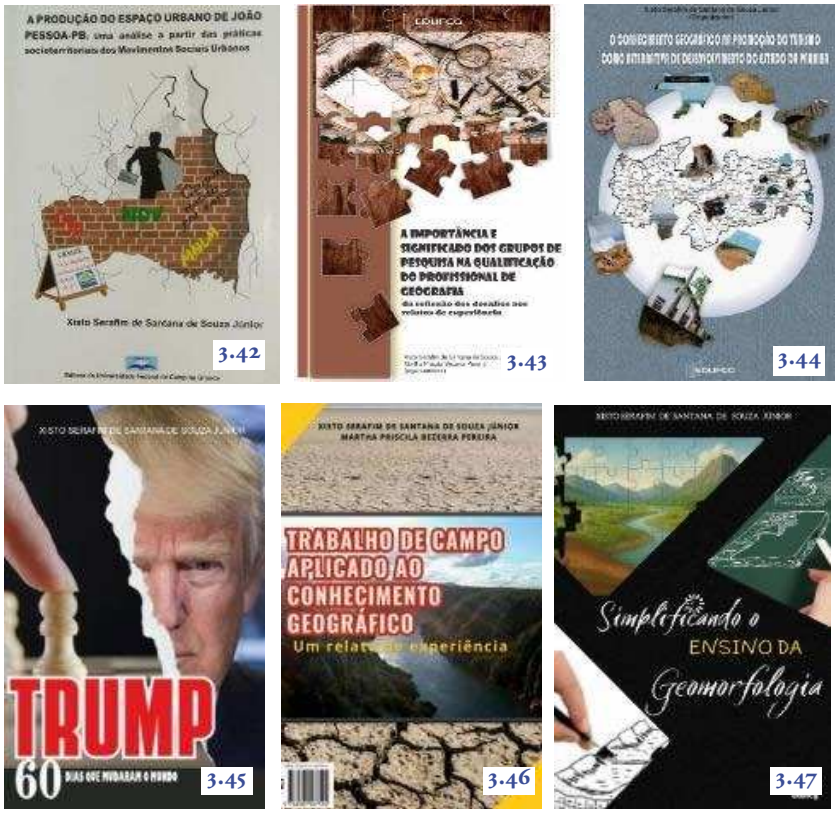
Na Geografia da Saúde, destacam-se estudos sobre práticas de cura, a pandemia da Covid-19 e a inovação na divulgação científica por meio de produtos digitais, reafirmando o compromisso com a popularização do conhecimento e a articulação entre ensino, pesquisa e extensão

Livros e capítulos de livros

No período de 2009 a 2025, foram publicados 6 livros, organizados 3 livros e publicados 31 capítulos de livros, evidenciando regularidade, progressão e consolidação da trajetória docente e científica. Observa-se intensificação da produção a partir de 2017, com destaque para o quadriênio 2020-2025. Considero que isto decorra do amadurecimento intelectual, da ampliação das redes de colaboração e do fortalecimento da atuação institucional.

A produção bibliográfica concentra-se em eixos estratégicos alinhados às áreas de atuação enquanto docente, articulando temas como movimentos sociais urbanos, direito à cidade, violência e percepção de insegurança, turismo como vetor de desenvolvimento territorial, saúde, território e políticas públicas, além da formação do geógrafo. Destacam-se obras estruturantes, como o livro decorrente da tese de doutorado, capítulos publicados por editoras universitárias consolidadas e produções recentes voltadas à inovação científica

Os textos demonstram domínio de métodos qualitativos com uso recorrente de análise de discurso, análise documental, análise da paisagem e trabalho de campo, assegurando rigor científico e relevância empírica. A Geografia da Saúde apresenta caráter transversal, integrando pesquisas sobre dengue. Outros temas relevantes estão relacionados a manuais técnicos e produtos técnico-científicos, como aplicativos e manuais (Figuras 3.42 a 3.47).



3.42 a 3.47 – Livros publicados e organizados desde 2012.

Os livros organizados reforçam a liderança acadêmica e institucional, ao sistematizarem experiências de grupos de pesquisa, ensino

e extensão, contribuindo para a formação discente, a qualificação profissional e a difusão do conhecimento científico. A produção demonstra, portanto, coerência temática, consistência metodológica, impacto acadêmico e relevância social, atendendo plenamente aos critérios exigidos para a promoção funcional.

Síntese das publicações mais relevantes

Livros publicados	
A produção do espaço urbano de João Pessoa-PB: uma análise a partir das práticas socioterritoriais dos Movimentos Sociais Urbanos, 1. ed. Campina Grande: EDUFCG, 2012. p. 280.	Destaca-se por ter sido o primeiro livro publicado. Como fruto da tese de doutorado, rever os textos, teorias e hipóteses foi fundamental para criação do meu perfil como docente.
Trump, 60 dias que mudaram o mundo. 1. ed. Campina Grande: Dos Autores, 2025. p. 76.	Destaca-se por ser o primeiro livro no qual faço um ensaio geopolítico.
Simplificando o ensino da Geomorfologia. 1. ed. Campina Grande: EDUFCG, 2025. p. 55.	Permitiu que eu retornasse às origens e deixasse um registro de uma experiência ímpar, obtida ao longo da graduação.
Livros organizados	
O conhecimento geográfico na promoção do turismo como alternativa de desenvolvimento do Estado da Paraíba. 1. ed. Campina Grande: EDUFCG, 2018. p. 175.	Foi o resultado da primeira pesquisa realizada com financiamento. Foi possível relembrar um pouco da atuação de bacharel em Geografia.
A importância e o significado dos grupos de pesquisa na qualificação do profissional de Geografia: da reflexão dos desafios aos relatos de experiência. 1. ed. Campina Grande: EDUFCG, 2020. p. 324.	Destaca-se por representar a consolidação do GIDs. O livro é um marco e expressa a identidade do grupo, além de apresentar um pouco do perfil de petiano e gaspeano.
Capítulos de livro	
Dialogando com o professor José Borzacchiello da Silva: o papel dos grupos de pesquisa na formação do profissional de Geografia. *In*: SOUZA JÚNIOR, X. S.; PEREIRA, M. P. B. (Orgs.). *A importância e o significado dos grupos de pesquisa na qualificação do profissional de Geografia*: da reflexão dos desafios aos relatos de experiência. 1. ed. Campina Grande: EDUFCG, 2020. p. 299-315.	Entrevistar o professor José Borzacchiello foi uma experiência e tanto. O capítulo merece destaque por inserir materialidade a esta experiência.
Movimentos sociais urbanos. *In*: SPOSITO, E. S. *Glossário de Geografia humana e econômica*. v. 1, 1. ed. São Paulo: UNESP, 2017. p. 303-314.	Ter recebido o convite para contribuir neste Glossário foi importante porque materializou os principais fundamentos apresentados na tese de doutoramento.



Coleção
MEMORIAL
ACADÊMICO
UFCG

Capítulo 4
quarto giro

Trilhas para o futuro, um geógrafo jornalista

O título deste último giro possui caráter deliberadamente provocativo e expressa parte dos projetos que pretendo desenvolver após a ascensão à classe de Professor Titular da UFCG. Trata-se de uma trajetória de reflexão e planejamento iniciada no contexto da pandemia de Covid-19, período marcado pela necessidade de readequação das metodologias de ensino e pelo investimento sistemático em processos de capacitação pessoal e profissional.

As incertezas vivenciadas durante o governo Bolsonaro — notadamente o risco de privatização do ensino superior público e os tensionamentos à democracia universitária na UFCG, evidenciados pela nomeação de um reitor não eleito —, somadas às experiências exitosas na gestão do ambiente virtual de aprendizagem Moodle, às atividades desenvolvidas nos canais do YouTube, à produção de conteúdos editoriais inicialmente vinculados ao site do GIDS[20] e, poste-

[20]. Disponível em: https://gidsufcg.com.br.

riormente, ao portal *A Ágora da Geopolítica*[21], bem como a conclusão da graduação em Jornalismo pela UNINTER, constituem elementos centrais que orientaram a concepção deste novo giro caleidoscópico.

Primeiro arranjo do giro: aprimoramento na qualificação profissional

Quando a pandemia da Covid-19 se propagou e obrigou os docentes ao desenvolvimento de atividades a distância, esse desafio já me encontrou com certa expertise, decorrente de cursos de qualificação realizados desde 2017, a exemplo do curso de Estudos de Impacto de Vizinhança, realizado em novembro daquele ano; do curso de Agente de Projetos Sociais, realizado entre outubro e novembro de 2019; do Curso de Administração, realizado entre agosto e setembro de 2019; e do curso de Projetos Turísticos na Gestão Pública, realizado entre agosto e dezembro de 2019.

Entre 2020 e 2021, realizei, pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, mais duas qualificações: **Teologia Bíblica** e **Teologia Sistemática**. Apesar de não possuírem relação direta com a minha atuação profissional, adaptei parte da metodologia desenvolvida nesses cursos, a qual se mostrou fundamental para as adequações implementadas nas disciplinas regulares da Plataforma Virtual de Apoio ao Ensino (PVAE) durante a pandemia, bem como para a realização de cursos por meio da plataforma Moodle. Não obstante a isto, a formação em Teologia, consequência da conversão ao evangelho, foi determinante para a superação de problemas internos no âmbito da Unidade Acadêmica. Amadureci. Passei a não mais me preocupar com eventos que estavam comprometendo o meu desempenho profissional, o que me deu coragem para adotar os ajustes seguintes no giro do amanhã.

[21]. Disponível em: https://agoradageopolitica.com.

Segundo arranjo do giro: criação da revista *Geoconexões Online* e do ambiente de aprendizado Moodle

A experiência na criação e na gestão da revista *Geoconexões Online* agregou de forma significativa à minha atuação profissional. A revista, um periódico científico com avaliação por pares e pautado por rigorosos parâmetros éticos e editoriais, exigia o desenvolvimento de competências que transcendem as fronteiras disciplinares, tais como a curadoria de conteúdos científicos, a redação e a revisão criteriosa de textos, a comunicação clara de ideias complexas e a articulação entre autores, revisores e leitores — habilidades centrais a serem desenvolvidas por um docente.

A atuação na equipe editorial promoveu familiaridade com os processos de publicação científica, com os padrões de qualidade acadêmica e a disseminação do conhecimento, fortalecendo minha capacidade de comunicar resultados de pesquisa e de facilitar diálogos entre diferentes públicos. Em janeiro de 2026, a revista *Geoconexões Online* foi certificada pela Capes como revista B1 em diversas subáreas.

Paralelamente, a concepção e a administração de um ambiente de aprendizagem na plataforma Moodle ampliaram minha experiência em comunicação educacional e em tecnologia aplicada à aprendizagem. Ao estruturar cursos, fóruns, avaliações e materiais didáticos, desenvolvi competências relacionadas à organização de conteúdos, ao uso de ferramentas digitais para o ensino e ao gerenciamento de comunidades de aprendizagem. Essas atividades exigem clareza editorial, capacidade de traduzir informações complexas em recursos acessíveis e compromisso com a mediação pedagógica — atributos que reforçam simultaneamente a prática jornalística e a atuação geográfica, especialmente em ambientes educativos virtuais.

Tais experiências foram fundamentais para o estímulo à criação de canais no YouTube, inicialmente voltados à elaboração de tutoriais e à recepção de convidados para palestras. Esse processo contribuiu de forma decisiva para a consolidação de minha atuação como comunicador científico e produtor de conteúdo educacional.

Terceiro arranjo do giro: criação dos canais do YouTube e redação e editoriais para o site do GIDs e *A Ágora da Geopolítica*

Com o cancelamento das atividades presenciais, iniciei um projeto na rede social YouTube no canal do grupo GIDs. O projeto foi denominado Ponto de Vista e visava receber convidados de diferentes áreas para proferir palestras sobre a conjuntura da atualidade e temas específicos da Geografia, partindo do princípio de que cada ponto de vista era a vista de um ponto. O projeto durou aproximadamente dois anos (março de 2020 a março de 2022) e contou com a participação de mais de 80 convidados. Ao longo dos dois anos, o canal passou a ter 1280 inscritos (Figuras 4.1 e 4.2).



4.1



4.2

4.1 e 4.2 - O Projeto Ponto de Vista foi início de uma nova etapa. Através da recepção aos convidados, fui aprimorando a técnica da mediação e aprimorando outras competências e habilidades, como as técnicas de respiração e oratória. O próprio logotipo apontava para uma nova visão de futuro.

No final de 2021, eu já me encontrava mais ambientado à realização de eventos virtuais, transmitidos de forma on-line, em função da experiência acumulada ao longo dos anos anteriores. Em meados de setembro deste ano, acompanhei uma *live* dedicada a um evento vulcânico em curso na ilha de La Palma, na Espanha: a erupção do vulcão Cumbre Vieja.

Durante a transmissão, chamou-me a atenção a presença de muitas pessoas visivelmente apreensivas, em grande parte, devido à disseminação de informações imprecisas sobre um suposto risco iminente de formação de tsunamis. Diante desse cenário de desinformação e alarmismo, decidi organizar uma *live* com o objetivo de oferecer ao público conteúdos fundamentados em bases científicas consolidadas, contribuindo para a compreensão adequada do fenômeno e para a qualificação do debate público.

Essa iniciativa representou, em muitos aspectos, um retorno às origens da minha atuação extensionista, marcada pelo compromisso com a divulgação científica responsável. Em curto espaço de tempo, o canal registrou crescimento significativo, passando de aproximadamente 1.200 para 3.000 inscritos.

Como parte desse processo de reorientação conceitual e identitária, o canal passou a se chamar *A Terra e Seus Sinais*, nome que expressa de forma mais precisa seus objetivos e escopo. Atualmente, em janeiro de 2026, o canal conta com cerca de 15.800 inscritos, consolidando-se como um espaço contínuo de divulgação científica, diálogo com a sociedade e mediação qualificada entre a ciência e o público não especializado (Figura 4.3).



4.3

4.3 – Canal *A Terra & seus Sinais*

Em 2024, o canal do *GIDsTV* foi reativado para retomada de gravação de tutoriais e abordagem de temas relacionados à UFCG, com destaque para a questão da EAD, devido às alterações propostas pelo MEC, entre as quais a estruturação da UAB na Universidade e a consulta aos cursos, visando à adesão ao Programa Universidade Aberta do Brasil.

No final de 2024, criamos o canal *A Ágora da Geopolítica*, com o propósito de promover o debate sobre a geopolítica global, bem como questões de geopolítica e geografia política em escala nacional. A proposta surgiu como desdobramento dos debates realizados na disciplina Geografia Regional do Mundo e da conjuntura contemporânea, marcada pelo tensionamento entre unilateralismo e multilateralismo. Ao final de 2025, o canal alcançou a marca de 1.400 inscritos (Figuras 4.4 e 4.5).

Além das *lives* individuais, iniciamos parcerias com outros canais no YouTube, formando a Rede de Canais Progressistas TEIA, cujo objetivo é construir uma programação ampla e integrada, voltada à abordagem de diferentes temas de interesse público e acadêmico.





4.4 - Canal *A Ágora da Geopolítica;*
4.5 - Site *Ágora da Geopolítica*

Finalmente, criamos o site *A Ágora da Geopolítica* em outubro de 2025. Além de informações gerais sobre geopolítica, iniciamos a publicação periódica de editoriais, nos quais analisamos a conjuntura geopolítica. Os textos são utilizados como referência para criação de roteiros para as *lives*.

Quarto arranjo do giro: formação de jornalista e projeto de pós-doutoramento

O último ajuste deste giro não representa um ponto de encerramento, mas um rearranjo consciente das formas que compõem minha trajetória acadêmica e profissional. O ingresso no curso de bacharelado em Jornalismo, em 2023, insere-se como um movimento estratégico de ampliação formativa, orientado pela necessidade de qualificar, aprofundar e sistematizar práticas comunicacionais que já vinham sendo desenvolvidas no âmbito da docência, da pesquisa e da extensão universitária. Trata-se de uma escolha que não rompe com a formação em Geografia, mas a reconfigura, incorporando novas lentes analíticas voltadas à mediação da informação, à construção de narrativas públicas e à circulação social do conhecimento científico.

Esse rearranjo projeta-se, de forma articulada, na perspectiva de realização de um pós-doutoramento, concebido como etapa de maturação intelectual e de aprofundamento investigativo, orientada pela integração entre geografia, comunicação e sociedade, o qual está sendo projetado para 2027.

A formação jornalística e a projeção do pós-doutoramento constituem, assim, movimentos complementares de uma mesma lógica formativa: a busca contínua por qualificação, interdisciplinaridade e compromisso público, reafirmando uma atuação acadêmica voltada à produção de conhecimento socialmente relevante, comunicável e institucionalmente comprometido com a universidade pública.

A opção pelo curso de Jornalismo

Iniciarei este tópico respondendo à pergunta que certamente surgiu durante a leitura: **por que Jornalismo?**

Conforme observado anteriormente, o período pós-pandêmico foi marcado por mudanças estruturantes significativas no desenvolvimento das minhas atividades de docência, tanto do ponto de vista endógeno (ensino) quanto do ponto de vista exógeno (pesquisa e extensão). Em sala de aula, as atividades EAD e semipresenciais serviram de motivação para novas qualificações. Fora dos muros da Universidade, a criação de plataformas e canais no YouTube influenciou minha busca por aperfeiçoamento profissional. Não se tratava apenas de um docente, mas de um formador de conteúdo.

Embora, em termos legais, não houvesse necessidade de obter uma graduação em Jornalismo para exercer atividades de comunicador social, optei por buscar essa qualificação por entender que ela me proporcionaria o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias a uma atuação profissional qualificada.

Em outubro de 2022, efetivei a matrícula em um curso de curta duração na área de Jornalismo Digital, com o propósito de avaliar se a opção pelo jornalismo atenderia efetivamente aos objetivos que havia traçado (Figuras 4.6 e 4.7). O excelente desempenho obtido nesse curso me motivou a realizar a inscrição, na condição de portador de diploma, para cursar o bacharelado em Jornalismo pelo Centro Universitário Internacional – UNINTER. A inscrição foi confirmada em 10 de novembro de 2022.

A opção por realizar um curso 100% EAD constituiu a única alternativa viável para conciliar as atividades docentes com a realização de uma nova qualificação profissional. As aulas tiveram início em 27 de fevereiro de 2023.


Parabéns XISTO SERAFIM DE SANTANA DE SOUZA JÚNIOR!

UNINTER

6473334

BACHARELADO EM JORNALISMO

Graduação 100% a distância

Oportunidade de concurso: 2ª GRADUAÇÃO

Situação do candidato: APROVADO

POLO ESCOLHIDO:

4.6


EDUCA MUNDO

Certificado

XISTO SERAFIM DE SANTANA DE SOUZA JUNIOR

4.7

4.6 - Comprovante de inscrição na UNINTER**; 4.7** - Certificado do curso de qualificação de integralização de créditos

A experiência no curso de Jornalismo surgiu, portanto, como um campo de convergência no qual saberes geográficos, comunicacionais e institucionais passariam a dialogar de maneira sistemática, crítica e aplicada.

A formação em Jornalismo, prevista para o período de março a junho de 2026, ampliou de modo significativo minha compreensão sobre os processos de mediação da informação, a construção da narrativa pública e a circulação dos discursos no espaço social. Enquanto geógrafo, que, ao longo da atuação profissional, desenvolveu expertise na análise dos diversos espaços vividos, encontrei no jornalismo um instrumento estratégico de tradução social, visibilidade pública e territorialização do conhecimento.

Essa articulação se evidencia de forma mais clara no trabalho de conclusão de curso desenvolvido, o qual aborda os desafios da assessoria de imprensa, compreendida não apenas como uma prática técnica, mas como um espaço de disputa simbólica, construção de agendas e organização dos fluxos informacionais. A assessoria de imprensa, nesse sentido, opera sobre territórios institucionais, constrói representações do espaço universitário e atua diretamente na forma como a ciência, a pesquisa e a extensão são percebidas pela sociedade. Trata-se, portanto, de uma prática profundamente geográfica, pois lida com escalas, públicos, redes, centralidades e periferias informacionais.

A vivência no jornalismo também dialoga diretamente com minha atuação na UFCG, sobretudo no fortalecimento das atividades de extensão, na produção de conteúdos científicos acessíveis e na criação e consolidação de canais digitais, sites e projetos de divulgação científica. Os canais no YouTube e as plataformas digitais anteriormente mencionadas deixam de ser apenas espaços de expressão individual e passam a ser compreendidos como ambientes comunicacionais estruturados, nos quais se articulam linguagem, ética, responsabilidade social e compromisso com a ciência. Nesse contexto, o jornalismo fornece os fundamentos técnicos, teóricos e metodológicos que qualificam práticas já existentes, ampliando seu alcance institucional.

Assim, este arranjo do último giro caleidoscópico revela uma síntese: a Geografia fornece o olhar analítico sobre o espaço, os territórios e as dinâmicas socioambientais; o Jornalismo oferece as ferramentas para narrar, mediar e socializar esse conhecimento de forma ética, estratégica e socialmente comprometida

A maturidade necessária para um pós-doutoramento

No início das atividades docentes, uma das metas comumente estabelecidas é a realização de um pós-doutoramento. No meu caso, esse interesse foi despertado apenas em 2020, quando, motivado pelo êxito da pesquisa desenvolvida com financiamento do CNPq, iniciei tratativas com a professora Rita de Cássia Ariza da Cruz, docente da Universidade de São Paulo (USP), visando à elaboração conjunta de um projeto na área de Geografia do Turismo. Contudo, a pandemia da Covid-19 interferiu diretamente nesses planos, inviabilizando sua continuidade naquele momento.

No período pós-pandêmico, as metas inicialmente traçadas foram ressignificadas, especialmente a partir da compreensão da necessidade de ampliar a formação acadêmica por meio da obtenção de uma

nova qualificação profissional. A realização de um pós-doutoramento em Geografia, neste estágio da carreira acadêmica, não se configura como um acréscimo formal ao currículo, mas como uma etapa de consolidação intelectual orientada ao retorno social do conhecimento produzido. A condição de Professor Titular pressupõe maturidade acadêmica, capacidade de síntese crítica e responsabilidade institucional — elementos que permitem conceber o pós-doutoramento como espaço de aprofundamento teórico, inovação metodológica e projeção social da pesquisa.

A formação em Jornalismo, por sua vez, contribui diretamente para esse processo, ao qualificar a mediação do conhecimento geográfico, especialmente no que se refere à divulgação científica, à comunicação institucional e à assessoria de imprensa. O domínio das linguagens jornalísticas e dos processos comunicacionais amplia a capacidade de tornar inteligíveis à sociedade temas centrais da Geografia, como território, riscos socioambientais, dinâmicas espaciais e políticas públicas, fortalecendo a presença da ciência no debate público.

A experiência acumulada em docência, pesquisa, extensão e produção de conteúdos científicos permite que o pós-doutoramento seja concebido como um espaço de integração entre geografia e comunicação, com foco na circulação social do conhecimento e na construção de narrativas científicas socialmente responsáveis. Os resultados esperados extrapolam a produção acadêmica tradicional, desdobrando-se em ações extensionistas, produtos comunicacionais e no fortalecimento institucional da universidade pública.

Assim, a promoção à classe de Professor Titular não representa a etapa final da trajetória acadêmica, mas o alicerce para novos voos científicos e institucionais. O pós-doutoramento em Geografia, articulado à formação em Jornalismo, reafirma o compromisso com uma ciência socialmente relevante, comunicável e orientada à transformação da realidade

Coleção
MEMORIAL
ACADÊMICO
UFCG

Mais do que considerações finais, um reinício

Concluo este memorial reafirmando que minha trajetória acadêmica e profissional não se constrói por rupturas, mas por sobreposições conscientes e progressivas de saberes. O giro final não encerra o caleidoscópio; ao contrário, reorganiza suas formas, amplia seus horizontes e projeta novas possibilidades de atuação acadêmica, científica e institucional.

Nesse movimento, Geografia e Jornalismo se articulam como campos complementares, orientados pela mediação do conhecimento, pelo compromisso público da ciência e pelo fortalecimento da universidade pública como espaço de produção, comunicação e transformação social. Essa articulação evidencia que minha atuação não se limita à docência, à pesquisa ou à extensão de forma isolada, mas integra esses campos em uma lógica contínua de inovação, interdisciplinaridade e impacto social, reafirmando o compromisso com uma ciência relevante, acessível e socialmente responsável.

O memorial, assim, não apenas registra conquistas, qualificações e experiências, mas sinaliza a projeção futura de minha carreira, na qual a promoção à classe de Professor Titular se apresenta como

ponto de partida para novos desafios, iniciativas de pesquisa, projetos de extensão e ações comunicacionais que consolidem e ampliem a presença da universidade na sociedade.

Uma história que se iniciou nas apropriações dos espaços suburbanos e periféricos de Recife e tem se concretizado através das diferentes formas de apropriação dos espaços de Campina Grande... uma história compartilhada com muitos amigos conquistados, alguns presentes, hoje não mais. A minha história pode ser narrada em semelhança comparativa à tese do Ciclo de Erosão de Davis: na juventude – recém-doutor intempestivo, que agia para mudar o mundo; na maturidade – professor, pesquisador, extensionista, amigo, pai, esposo, cristão, que foi aprendendo com a vida a ser moderado; na senilidade – servidor, gestor, jornalista, pensador, mas, acima de tudo, alguém que tem buscado novos arranjos tectônicos para reacender novamente, após a promoção, a chama dos sonhos.

Esta foi a minha história até aqui...

Coleção Memorial Acadêmico UFCG

APÊNDICE

Coleção MEMORIAL ACADÊMICO UFCG

Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior

PROJETO ACADÊMICO

Projeto Acadêmico submetido à Comissão de Avaliação do Concurso para Docente da UFCG, Unidade Acadêmica de História e Geografia, na área de Geografia Regional e do Brasil, com vista a ingressar no quadro de docente desta Universidade.

Campina Grande, 16 de abril de 2009

Apresentação

Ao longo das últimas décadas, a questão regional tem se apresentado como um debate de grande relevância tanto para as administrações públicas, especialmente as da região Nordeste, que sofrem com as disparidades herdadas ao longo do tempo; como para os mais diferenciados campos do conhecimento científico, dos quais o profissional de Geografia tem ganhado uma posição de destaque em decorrência de sua habilidade em trabalhar com as diferentes escalas geográficas.

A opção pela Geografia Regional e do Brasil decorre de uma preocupação particular com o tema, o qual foi iniciado ainda na graduação e aprimorado nas pesquisas desenvolvidas no mestrado e no doutorado. Mais do que uma temática cativante, o estudo sobre as questões regionais no contexto do território brasileiro vem sendo cada vez mais necessário, uma vez que se apresenta como um setor estratégico às políticas de desenvolvimento local e regional.

Foi preocupado com tal conjuntura que optei pela Geografia Regional e do Brasil enquanto sub-área dos estudos geográficos para ingressar na carreira de docente e, assim, desenvolver atividades de pesquisa, ensino e extensão. É justamente abarcando esses três pilares que apresento a minha proposta de trabalho para o exercício das atividades junto ao curso de História e Geografia da Universidade Federal de Campina Grande.

Objetivo principal

Contribuir para o desenvolvimento, o reconhecimento e a consolidação do curso de Geografia, fornecendo uma atenção especial na formação do graduando e auxiliando no processo de criação de uma pós-graduação *lato sensu e stricto sensu*.

Metodologia de trabalho

Atuação como docente;
Criação e participação em grupo de pesquisa e de estudos;
Disponibilidade para apoiar as atividades administrativas.
Participação em grupos de pesquisas de outras instituições.
Contribuir para a firmação de intercâmbio para desenvolvimento de pesquisas.

Planejamento: proposta para atividades de ensino, pesquisa e extensão

1. Ensino

1.1 Graduação
Desenvolver um plano de trabalho acadêmico pautado na realização de uma maior aproximação entre os conteúdos teóricos e o desenvolvimento de atividades práticas, que possibilitem uma maior compreensão das similaridades e dissidências encontradas na conjuntura regional em que vivem e sua relação com outras escalas regionais. Nesse contexto, torna-se fundamental o resgate das concepções de região e suas variantes analíticas, assim como a retomada do debate sobre as limitações e potencialidades para analisar o planejamento aplicado ao estudo geográfico da formação socioespacial da região Nordeste, em particular, e da organização territorial brasileira, em um contexto mais amplo. Poderia ser acrescentada a esta preocupação a análise do papel estratégico da cidade de Campina Grande no contexto de desenvolvimento socioeconômico do Estado da Paraíba, segundo a realidade da geopolítica brasileira e regional.
Disponibilidade: Imediata.
Disciplinas: Todas relacionadas à análise do desenvolvimento regional, segundo a influência das dinâmicas socioespaciais dos espaços urbanos e rurais.

1.2 Formação de um grupo de estudo
Grupos de estudos podem ser caracterizados como um mecanismo estratégico na produção e na difusão do conhecimento científico. A importância se torna ainda maior se for considerada a necessidade da região nordestina no que se

refere à realização de pesquisas que promovam o desenvolvimento regional. Para isso, existe a intenção de se trabalhar em duas frentes principais: a identificação das redes de cidades médias, que influenciam o desenvolvimento socioespacial dos estados nordestinos, buscando para isso o apoio de diversos geógrafos urbanos que compõem a rede de cidades médias; e a elaboração do mapeamento das áreas de inclusão, evidenciando suas potencialidades para o desenvolvimento urbano e regional, com ênfase no papel desempenhado pelos movimentos sociais, que expressam suas atividades através da reestruturação dos territórios.

2 . Pesquisa

2.1 Graduação

Pretende-se contribuir através do desenvolvimento de duas linhas de pesquisa: desenvolvimento regional e reorganização territorial. Na primeira linha de pesquisa, através de leituras, debates e realização de atividades de campo, busca-se elaborar um mapa que evidencie as principais redes de desenvolvimento econômico do estado e suas interconexões através das cidades médias. Já com relação à segunda linha de pesquisa, o objetivo está relacionado a se repensar as territorialidades no estado, com ênfase no ordenamento urbano e rural e nas redefinições territoriais a partir das suas funcionalidades. Tais linhas de pesquisa se consolidam a partir da criação de grupo de pesquisa voltado para a qualificação dos discentes participantes, com fins de sua futura especialização e contribuição nas áreas apresentadas.

a) Solicitar inclusão nas redes de cidades médias já existentes;
b) Promover encontros voltados para troca de experiências;
c) Solicitar apoio institucional para o desenvolvimento de pesquisas de campo.

3 .Extensão

Laboratório didático-pedagógico sobre a organização territorial do Estado da Paraíba

Objetivo:
Proporcionar aos estudantes e professores do Ensino Médio uma opção de ensino-aprendizado sobre as relações econômicas e dinâmicas socioespaciais dos municípios do Estado da Paraíba.

Justificativa:
Existe uma demanda dos professores da Educação Básica em passar ao aluno informações sobre a dinâmica socioeconômica do Estado e região. A criação de um laboratório, gerenciado por um monitor treinado e qualificado pelo docente, possibilita aos professores da Educação Básica a conquista de mais uma opção didático-pedagógica. Além disso, a criação desse laboratório serve para ratificar a importância da Universidade e do curso de Geografia para a sociedade em geral.

Principais atividades projetadas:
Elaborar fôlderes relacionados à situação econômica, social e cultural do Estado da Paraíba;
Elaborar uma maquete dos principais municípios (cidades médias) voltada para evidenciar as suas funções e importância regional, com uma legenda que possibilite acesso às informações estatísticas e contextualização histórico-geográfica dos municípios;
Elaborar um material pedagógico que possa ser utilizado pelos professores da Educação Básica como recurso didático.
Período para implementação:
Primeiro ano: treinamento e levantamento de informações;
Segundo ano: elaboração da maquete e revisão do material;
Terceiro ano: abertura ao acesso das escolas (professores e alunos das redes pública e privada);
Quarto ano: elaboração de um material pedagógico a ser distribuído aos professores da Educação Básica.
Realização das atividades:
- Treinamento de alguns alunos inseridos no grupo de pesquisa;
- Levantamento de informações sobre os municípios selecionados como cidades médias;
- Elaboração da maquete e inclusão das informações;
- Abertura à visitação pública e aprimoramento das atividades;
- Elaboração do material didático-pedagógico.

Outras considerações relevantes

Apoio na criação de uma pós graduação *lato sensu e stricto sensu*
Objetivo:
Auxiliar na abertura de novas frentes para o reconhecimento da importância regional do curso de Geografia sediado na UFCG.
Justificativa:
O campus da UFCG em Campina Grande dispõe de uma posição geográfica privilegiada e estratégica para os municípios do interior, tanto por sua importância em termos regionais, como por sua proximidade com a capital e fácil acesso de pessoas residentes nos estados limítrofes. Dessa forma, a criação

de uma especialização e do mestrado no curso, na área de desenvolvimento regional e urbano, se apresenta como um fator primordial ao atendimento das demandas tanto na escala local como na escala regional, tendo em vista o retorno da preocupação em proporcionar uma nova fase ao desenvolvimento regional do Nordeste.

Perspectivas:

a) Curto prazo/dois primeiros anos

Contribuição na criação de um curso de especialização (*lato sensu*) na área de planejamento urbano e regional.

b) Longo prazo (quatro primeiros anos)

Contribuição na criação de um curso de Mestrado em Geografia (*stricto sensu*), tendo como uma das linhas de pesquisa: desenvolvimento regional e organização territorial.

Metodologia para implementação

- Transformar os resultados obtidos pelo grupo de estudo em projeto de pesquisa;
- Solicitar apoio institucional de outros cursos que já possuam Programas de Pós-Graduação implementados há mais de cinco anos;
- Participar de grupos de pesquisa de outras instituições reconhecidas pela CAPES;
- Auxiliar na firmação de parcerias com outras instituições através de seus pesquisadores;
- Auxiliar na elaboração de propostas de implementação dos programas

Objetivo:

Auxiliar na abertura de novas frentes para o reconhecimento da importância regional do curso de Geografia sediado na UFCG.

Justificativa:

O campus da UFCG em Campina Grande dispõe de uma posição geográfica privilegiada e estratégica para os municípios do interior, tanto por sua importância em termos regionais, como por sua proximidade com a capital e fácil acesso de pessoas residentes nos estados limítrofes. Dessa forma, a criação de uma especialização e do mestrado no curso, na área de desenvolvimento regional e urbano, se apresenta como um fator primordial ao atendimento das demandas tanto na escala local como na escala regional, tendo em vista o retorno da preocupação em proporcionar uma nova fase ao desenvolvimento regional do Nordeste.

Perspectivas:

a) Curto prazo/dois primeiros anos

Contribuição na criação de um curso de especialização (*lato sensu*) na área de planejamento urbano e regional.

b) Longo prazo (quatro primeiros anos)

Contribuição na criação de um curso de Mestrado em Geografia (*stricto sensu*), tendo como uma das linhas de pesquisa: desenvolvimento regional e organização territorial.

Metodologia para implementação

- Transformar os resultados obtidos pelo grupo de estudo em projeto de pesquisa;
- Solicitar apoio institucional de outros cursos que já possuam Programas de Pós-Graduação implementados há mais de cinco anos;
- Participar de grupos de pesquisa de outras instituições reconhecidas pela CAPES;
- Auxiliar na firmação de parcerias com outras instituições através de seus pesquisadores;
- Auxiliar na elaboração de propostas de implementação dos programas

Formato *15x21 cm*

Tipologia *Adobe Garmond Pro*

Nº de Pág. *115*

Editora da Universidade Federal de Campina Grande- EDUFCG



Coleção
MEMORIAL
ACADÊMICO
UFCG

A memória individual se converte em memorial, e seu autor e colegas percebem o quanto de participação coletiva está concentrada nesse percurso profissional, agora lembrado e de passagem para virar história. Esse momento é um encontro e um reencontro; quem sabe, recordação. Um encontro dos colegas mais absorvidos pela rotina com a trajetória daquele que está sendo avaliado; um reencontro dos amigos com a produção do avaliando; um reencontro deste consigo mesmo; uma recordação para os afetos mais íntimos, cultivados durante a vida pessoal e profissional.

edufcg